



PRIMAVERA - VIDA NOVA

PRIMAVERA, setembro de 2009.

Mais um ressurgir da natureza. Das flores. Da vida.

Após o inverno frio, desnudado, surge uma vida nova.

Isto nos lembra a nova vida que JESUS CRISTO trouxe à humanidade.

"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós", por meio de Maria, a MULHER-MÃE.

Hoje Cristo quer continuar habitando no mundo e nas pessoas por meio de cada cristão.

Por meio de seu testemunho, de sua palavra, de seu amor a si, ao próximo e a Deus.

Tal vocação deve ser vivenciada sobremaneira pelo sacerdote, pela ORDEM recebida de ser mensageiro, ministro do Evangelho (Evangelificação), da Palavra (Verbo) e do Pão (Eucaristia).

Tanto faz o sacerdote "clérigo" ou o "laicizado". Ambos com seu caráter indelével.

Para nós, padres casados, esta primavera está ornamentada com duas flores especiais.

É a próxima chegada do 18º Encontro Nacional, em janeiro de 2010, em Ribeirão Preto SP.

É a próxima inauguração do site dos Padres casados, prevista para outubro.

Pedimos a Cristo, sumo e eterno sacerdote, que estas duas flores produzam abundantes e ricos frutos em todos os seis mil padres casados do Brasil e em suas famílias!

Gilberto Luiz Gonzaga



ENCONTRO DO MPC EM RIBEIRÃO PRETO/SP 13 A 17 DE JANEIRO 2010

COMO FAZER A INSCRIÇÃO PARA O ENCONTRO:

Em Setembro e Outubro, o pagamento só poderá ser efetuado à vista (4 diárias R\$ 220,00).

Em Novembro haverá acréscimo de 20% sobre o valor da diária (R\$ 66,00 - 4 diárias R\$ 264,00).

Em Dezembro, para facilitar o trabalho da organização, não haverá mais possibilidade de fazer inscrições.

Crianças de 0 a 6 anos não pagarão diária.

Crianças de 7 a 10 anos pagarão meia diária.

1. Efetuar depósito no Banco do Brasil:

- Agência: 4392-3

- Conta Corrente: 7.224-9

GIULIANA - INSCRIÇÃO MPC

(vai aparecer na tela, ao digitar Número da Agência e da Conta)

2. Enviar comprovante do depósito por e-mail giulianapalumbo@terra.com.br ou por fax, fone 16-36321416 (Dados Pessoais = Nome - CIC - RG - Data de nascimento - Endereço - telefone - celular e e-mail)

Ano 27 | nº 212 setembro/novembro 2009

ÍNDICE

HOSPITALIDADE DOS PADRES CASADOS
PÁG 03

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPADO
PÁG 04

CRISE RELIGIOSA NA ÁFRICA
FIDEL CASTRO DISCÍPULO DE JESUS
PÁG 05

MPC - HISTÓRICO DE MG
PÁG 06

O CELIBATO SACERDOTAL NÃO É
REFERÊNCIA TEOLÓGICA
PÁG 07

DOCUMENTO FUNDANTE DO MPC
PÁG 08

VAMOS CONSTRUIR O SITE DOS
PADRES CASADOS
PÁG 09

MPC DO CEARÁ
PÁG 10

LEGITIMAR OS FILHOS DE PADRES?
CASAMENTO CIVIL E SACRAMENTO
PÁG 13

ORDENAÇÃO DE MULHERES
POR TRAS DE UM GRANDE HOMEM
HÁ SEMPRE UMA GRANDE MULHER
PÁG 14

AVALIAÇÕES E DEPOIMENTOS
PÁG 15

BISPOS DO MARANHÃO
CONTRA-CAPA

18º Encontro Nacional MPC Palestra

O PAPEL DA MULHER NA IGREJA

O Padre Casado e Teólogo, Darci Tarcísio Corazza, ministrará palestra intitulada "O Papel da Mulher na Igreja", no próximo Encontro Nacional dos Padres Casados.

**É hora de assinar ou
renovar a assinatura
de RUMOS**



EDITORIAL



O apelo do editorial da última edição do Rumos rendeu bons frutos: surgiram muitas assinaturas e renovações de assinatura de nosso jornal. Agradecimento a todos!

Mas, a bem da verdade, comunicamos que ainda há muitos outros "esquecidos" de atualizar seu débito de 30,00 referente à assinatura de 2009. Ou os 120,00 à Associação Rumos. Acordem!

A grande e esperada novidade é a próxima inauguração do site dos padres casados, prevista para outubro. Bela e agora realizada promessa de nossa Diretoria, encabeçada por Felix de Recife. Entretanto o site só será de utilidade universal se for munido de excelente e rico conteúdo.

Quem irá enriquecê-lo, alimentá-lo com matérias concernentes ao MPC, à teologia, à espiritualidade, à eclesiologia, à pastoral, à evangelização e a testemunhos pessoais?

Resposta: todos nós, padres casados, nossas

esposas e familiares, nossos colegas padres e bispos da ativa, nossos amigos religiosos(as) e leigos(as) que comungam conosco.

Prestemos nossa colaboração enviando todas as matérias concernentes de que dispomos.

Enviando para o presidente Felix (fgbfilho@gmail.com.br) ou ao moderador João Tavares (tavaresj@elo.com.br) ou a este editor (gilgon@terra.com.br).

Contamos com a colaboração de todos, e desde já agradecemos.

Nesta edição 212 de Rumos foi dada ênfase a fatos históricos do MPC, rememorando seus primórdios, bem como a testemunhos pessoais de vários amigos e colegas.

Que a lembrança de nossos pioneiros do MPC e o exemplo de vida de nossos irmãos e irmãs nos motivem para uma atuação cada vez mais apostólica e evangelizadora!

Gilberto Luiz Gonzaga
Editor
gilgon@terra.com.br

ATENÇÃO

Otávio Bonfim

Seu jornal impresso retornou!
Por inexistência da Caixa Postal 650.
Favor retificar seu endereço.
Gilberto editor

Carta do Presidente aos leitores

Navegar nas páginas da Internet, entrar no mundo da comunicação virtual, na rede mundial de computadores, sempre foi um sonho do Movimento dos Padres Casados, representado no Brasil pela Associação Rumos. Pensando bem, até que estamos defasados em relação a outras instituições que já utilizam este moderno e potente meio de comunicação.

Neste mês de outubro de 2009 finalmente vamos colocar nossa página na internet no ar, à disposição de todos que desejam conhecer um pouco mais o MPC e a Associação Rumos, bem como um importante canal de comunicação para os colegas padres casados de todo Brasil e do mundo.

Nosso endereço na rede mundial de computadores será bastante simples: www.padrescasados.org.br E estará à disposição de todos a partir da segunda quinzena de

outubro.

Cabe destacar aqui, como agradecimento não só em meu nome, mas creio de todos os colegas padres casados do Brasil, da colaboração e parceria com o site "Ora et Labora" que, de alguma forma, foi nossa página na internet oficiosamente nos últimos anos, graças à bondade de Mário Palumbo. Claro que vamos continuar parceiros e irmãos, trabalhando juntos pelo Reino de Deus.

Outro registro importante é em relação ao trabalho do "e-grupo" padres casados, moderado por João Tavares. O novo site não irá, de forma alguma, substituir este instrumento de comunicação que já contabiliza mais de 800 e-mails do Brasil e do exterior. E nosso colega João Tavares que chegar a mais de 1.000 até o final do ano. De alguma forma, o nosso grupo de padres casados será ampliado com o site, utilizando-se as inúmeras possibilidades de intera-

ção a partir da rede mundial de computadores.

Com o site da Associação Rumos/MPC vamos atingir, com certeza, os padres casados da nova geração. Muitos sequer têm conhecimento do movimento. Será, ainda, uma oportunidade de divulgação das nossas aspirações, sentimentos, trabalhos e contribuições para construção de um reino de amor, justiça e verdade.

O site do Movimento dos Padres Casados/Associação Rumos será também um trabalho de construção coletiva. Vamos precisar, claro, da contribuição de muitos colegas no envio de informações, notícias diversas e, principalmente, artigos sobre a realidade do padre casado e a problemática do celibato na Igreja Católica Romana.

Nossa comunicação, agora, ficará mais ágil, rápida e com um alcance muito maior. O site será um instrumento aglutina-



dor de idéias e de pessoas. Um instrumento criado para ajudar a Diretoria Nacional de Rumos a cumprir a tarefa, nem sempre fácil, que é coordenar o Movimento das Famílias dos Padres Casados neste imenso Brasil.

Com a criação do site cumprimos uma das nossas metas como Diretoria Nacional, a de dotar a Associação Rumos de um instrumento moderno de comunicação que servirá de base para todas as ações do MPC/Rumos.

Félix Batista Filho
Presidente da
Associação Rumos/
Movimento dos Padres
Casados do Brasil

Assinaturas

**Parabéns aos muitos assinantes que pagaram a assinatura recentemente.
Pedimos que os muitos não-pagantes imitem o bom exemplo.**

Antes de junho, não constantes na lista anterior

João Fachini
Padre Ney Brasil Pereira
Dom Manoel João Francisco
Mário Palumbo
Junho
José Caetano C. de Sousa
Paulo Barabasz
Manoel Carlos Formigli Souza
Antônio Pradi
Jayme R. Almeida
Valéria Heisler
Odna e Celso Augusto
Fernando dos Santos
Levy Lopes de Araújo
Eládio Alvarez Fernandez
Julho
Galdino Vivian

Maria José B. Soares
Library of Congress (Maria Amélia Sant'Anna)
Plácido Marcondes
Geir R. Silva
Geraldo Rosania
Sergio Bernardoni
Alauzyio Favaro
Vicente de Paulo S. Nunes
Agosto
Ubiratan de Araujo
Luís e Irene Cacaís
Revista Miriam
Pe. Abílio da C. Oliveira
Joseph A. Gilles Lacroix
Ney Ramos de Castilhos
Loadi Stefanelo
Sergio Engeroff

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos:
bienio 2008/2009

Presidente: Félix Galvão Batista Filho
Vice-Presidente: Francisco de Oliveira Rocha
1.º Secretário: Cristiane Maria Gonçalves Crespo
2.º Secretário: Brian Eyre
1.º Tesoureiro: Mathew Oliver Hande
2.º Tesoureiro: Isaac Leon Braun

Conselho Gestor da AR/ Movimento das Famílias dos Padres Casados:

Coordenador da Assessoria Jurídica:
Francisco Marcelino Muniz de Medeiros
Coordenador da Comissão de Teologia:
Francisco Salatiel de Alencar Barbosa
Coordenador da comunicação externa:
José Vicente Andrade
Delegados internacionais:
Jorge Ponciano (titular)
Luiz Guerreiro e Irene Orthieb (suplentes)
Moderador do E-Grupo: João Tavares
Coordenadores do Encontro Nacional de Ribeirão Preto/ Janeiro de 2010:
Mário Palumbo e Margarida Toledo Palumbo
Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga

Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47-33694672

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual:

Assinatura anual: R\$ 30,00 (trinta reais)

Pagamento pelo BANCO DO BRASIL - Agência 3243-3 - Conta 21077-3

Comunique imediatamente, através de e-mail, ao nosso tesoureiro Mateus Hande: matthande@hotmail.com

Ou por carta para Mateus Hande: Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.010-190

Associação Rumos:

anuidade de sócio - R\$ 120,00 (Cento e Vinte Reais) com direito a assinatura do jornal Rumos

contribuição para um fundo de ajuda mútua - a partir de R\$ 1,00 por mês;

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no

BANCO DO BRASIL - AGÊNCIA 0299-2 - CONTA 33.624-6

Remeta cópia do comprovante para Mateus Hande: Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.010-190

O site do MPC está na fase de "gestação".

No entanto contamos com o site www.oraetlabora.com.br, do colega Mário Palumbo, organizador do próximo Encontro das Famílias dos Padres casados, em Ribeirão Preto SP.

oraetlabora

Ora et

oraetlabora

ANO SACERDOTAL SE DIRIGE TAMBÉM AOS SACERDOTES QUE ABANDONARAM MINISTÉRIO

ASSEGURA O CARDEAL TARCISIO BERTONE

CIDADE DO VATICANO, quinta-feira, 27 de agosto de 2009 (ZENIT.org).- O Ano Sacerdotal é uma iniciativa com a qual Bento XVI quer que a Igreja volte a entrar em contato também com sacerdotes que abandonaram o ministério. Assim confirma o cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado, em uma entrevista publicada esta semana pela edição italiana de L'Osservatore Romano, na qual o prelado revela in-

clusive como surgiu a idéia de convocar esta iniciativa.

"Lembro que, após o sínodo sobre a Palavra de Deus, na mesa do Papa havia uma proposta, já apresentada antes, de convocar o ano da oração, que em si estava bem unida à reflexão sobre a Palavra de Deus", comenta.

No entanto, "os 150 anos da morte do Cura de Ars e a emergência dos problemas que afetaram tantos sacerdotes levaram

Bento XVI a promulgar o Ano Sacerdotal", revela.

Com esta iniciativa, afirma seu colaborador mais próximo, o Papa quer mostrar "uma atenção especial aos sacerdotes, às vocações sacerdotais" e promover "em todo o povo de Deus um movimento de crescente afeto e proximidade dos ministros ordenados".

"O Ano Sacerdotal está suscitando um grande entusiasmo

em todas as igrejas locais e um movimento extraordinário de oração, de fraternidade para com os sacerdotes e entre eles mesmos, além de promover a pastoral vocacional."

"Além disso, está se robustecendo o tecido do diálogo, às vezes difícil, entre bispos e sacerdotes, e está crescendo uma especial atenção a favor de sacerdotes que foram reduzidos a uma condição marginal

na ação pastoral."

O cardeal Bertone afirma que este ano procura também "uma retomada de contato, de ajuda fraterna e, se possível, de voltar a unir-se com os sacerdotes que, por diferentes motivos, abandonaram o exercício do ministério".

"Os santos sacerdotes que povoaram a história da Igreja não deixarão de proteger e de apoiar o caminho de renovação proposto por Bento XVI", conclui.

FIM MELANCÓLICO DE UM APELO DO POVO DE DEUS

A notícia já foi comentada em RUMOS, n. 210. Em 24 de janeiro de 2009, o Papa Bento XVI decidiu, sem exigir condições, levantar a excomunhão que pesava, desde 1988, sobre os bispos da Fraternidade Sacerdotal São Pio X, nascida da rebeldia do bispo tradicionalista francês Marcel Lefebvre contra as reformas do Vaticano II.

Em 29 do mesmo mês, um grupo de teólogos e teólogas de língua alemã assinaram uma Petição a ser enviada ao Papa, onde se exigia um "reconhecimento irrestrito das decisões do concílio Vaticano II". Confiada a difusão da iniciativa ao movimento "Nós somos Igreja", ela suscitou rapidamente uma grande adesão.

A Petição tinha a seu favor o cânon 212,3, do Direito Canônico, onde se diz que os "fiéis têm o direito e, às vezes, até o dever de manifestar aos Pastores sagrados a própria opinião sobre o que afeta o bem da Igreja e...de dar a conhecer essa sua opinião aos demais fiéis".

Em 3 de março, foi comunicado à Conferência Episcopal alemã, reunida em Hamburgo, que as assinaturas da Petição alcançavam já as 36.300.

Depois, em 25 de março, os autores da iniciativa pediram ao Núncio Apostólico em Berlim que intermediasse uma data próxima para eles entregarem pessoalmente a Petição à Congregação para a Doutrina da Fé em Roma. O Núncio respondeu em 2 de abril, perguntando se não seria mais cômodo encaminhar a Petição, com as assinaturas, à Congregação para a Doutrina da Fé através da Nunciatura em Berlim. Mas, dado o significado e a ressonância que a Petição estava tendo, os autores insistiram em pedir que lhes fosse facilitada uma entrega pessoal.

Soube-se, em 9 de abril, data final para a recolha de assinaturas, que 54.104 pessoas tinham assinado a Petição. Fizeram-no por meio da internet ou de listas expostas nas paróquias. Provinham de 80 países de todo o mundo. O seu número era quase



o dobro dos que assinaram outra lista que, simultaneamente, promovia a aprovação e adesão a Bento XVI: "SIM a Bento".

Em 29 de maio, o Núncio informava que a Congregação para a Doutrina da Fé "considerava desnecessário receber os autores da Petição, cujo conteúdo lhe era bem conhecido e seria por ela levado em conta no futuro".

Em 15 de junho, a conselho do Núncio, os autores da Petição dirigiram-se diretamente à Congregação para a Doutrina da Fé, alegando que a recusa de um diálogo constituía uma enorme desconsideração com os assinantes, uma vez que a entrega da recolha das 33.000 assinaturas "SIM a Bento" pôde ser feita no âmbito de uma audiência geral e foi retribuída com uma carta de agradecimento do Papa.

Em 20 de julho, os autores da Petição dirigiram-se de novo à Congregação para a Doutrina da Fé: queriam saber por que é que, até à data, não tinham recebido nenhuma resposta ao seu pedido de poderem entregar pessoalmente a Petição em Roma.

Como se vê, a Congregação para a Doutrina da Fé não tinha mesmo nenhum interesse em receber a Petição com as assinaturas e, muito menos, em dialogar com os seus autores. De nada valerem os esforços e a intermediação do Núncio Apostólico em Berlim, Mons. Jean-Claude Périisset.

Luís Guerreiro

HOSPITALIDADE DOS PADRES CASADOS

Amigos, gosto muito dessa idéia de retomarmos o costume da hospitalidade fraterna.

É bom saber que, em cada canto deste Brasil, não estaremos sós.

Sempre tem um padre casado. Não somente para hospedagem, mas para um papo amigo. Eu mesmo, em viagens aqui mesmo pelo Nordeste, procuro algum colega para almoçar ou jantar junto. Também já me hospedei com colegas.

Acho muito boa esta idéia da hospitalidade, que já foi levantada por Giba alguma vez e, agora, ganhou o respaldo de João e Palumbo.

Vamos em frente!

Félix Batista Filho

Esse assunto, HOSPITALIDADE, foi muito discutido nos

anos 80, no MPC. E parece-me que faz parte dos objetivos gerais do MPC, no item ajuda fraterna mútua.

No primeiro Catálogo, de 1989, inclusive, está indicado se o colega tem ou não vontade e possibilidade de hospedar colegas e quantas pessoas. Foi uma boa campanha que depois, por falta de cultivo, esmoreceu. No catálogo de 1998, não falaram mais do assunto e... foi morrendo.

Eu, por exemplo, recebi aqui em casa colegas de vários Estados, de várias partes do Brasil. Com muita alegria. Como também fiz e faço com gente da Itália, Portugal, Bélgica, Espanha, Moçambique.

Por outro lado, já me hospedei com colegas em Fortaleza (vários), Recife (Félix, várias vezes), Rio, Natal, Maceió, Brasília (vá-

rios), Belo Horizonte, Curitiba e Salvador (Almir).

Acho ótimo hospedar e ser hospedado. Naquele tempo foi inclusive ventilada e incentivada a idéia de troca de hospedagem de filhos adolescentes e jovens nas férias.

Acho que se poderia retomar, com bom resultado, a propor e a debater esta boa idéia e a voltarmos à prática da HOSPITALIDADE FRATERNA entre nós.

Alguém quer fazer um artigo sobre isso para começarmos o debate? Pessoalmente acho que vale a pena investir nessa proposta.

OBS: na hipótese de interessar, disponho da Monografia: HOSPITALIDADE EM UMA PERSPECTIVA BÍBLICA. Dei uma olhada rápida na Monografia. Parece interessante.

João Tavares



CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPADO (CONTINUAÇÃO)

OS ACORDOS DE LATRÃO

Soberano temporal por circunstâncias alheias a Cristo e decorrentes de injunções imperiais, ao Bispo de Roma, outrora poderosíssimo, em especial, por causa de doações, apropriações ou conquistas de sociedades, além de estranhas ocupações de territórios, restou a soberania sobre o Estado do Vaticano, um quase simbólico território que lhe foi garantido, através dos acordos assinados em 11 de fevereiro em 1929 no Palácio de Latrão, em Roma, entre o Papado [Santa Sé] e o chefe do Governo italiano, Mussolini.

Esses acordos, que se resumiram no encerramento solene de comprometedores atos diplomáticos, além do reconhecimento da soberania do bispo de Roma sobre o Vaticano, financeiramente rendeu ao Papado vultosa indenização pelas perdas dos proventos temporais que lhe foram surripiados desde 1871.

Em termos morais, foram outorgados ao Papa alguns direitos de interferência nas decisões do Estado Italiano em questões referentes ao ensino, à educação e às questões matrimoniais. Atualmente, os próprios católicos não se preocupam com a violação desses direitos por parte dos italianos, pois a visão de Igreja é outra, mesmo entre os piedosos romanos.

Parece-me que, a rigor, se bem analisados, os acordos somente preservaram a nostálgica memória de que, um dia, o bispo de Roma tornou-se Imperador do Ocidente, por desistência dos que, de fato, detinham um poder "mundializado".

TENTATIVA DE RETOMADA DO PODER

Por dificuldades causadas por decisões unilaterais, que criaram aborrecimentos de toda natureza à comunidade católica e em virtude de pendências tais como "pagamentos ou compensações" por escolhas papais negociadas, em especial desde quando o Papado perdeu a garantia de seu outrora forte braço secular, as lideranças vaticanas optaram pela conveniência da infalibilidade do Papa, uma declaração solene que tornaria o Papa inerrante em termos de moral e doutrina.

As discordâncias forma além do esperado. Aconteceram séries de difíceis discussões que jamais houve unanimidade dentro do próprio episcopado e do corpo de teólogos. No entanto, o Concílio Vaticano I, realizado em 1870, definiu a infalibilidade pontifícia como dogma de fé para todos os católicos.

Divididos e inseguros, muitos



Vaticano

conciliares sentiram-se constrangidos a votar com os interesses do papado, simplesmente para salvar o poder de coerção da Igreja sobre os católicos sempre que estivesse em perigo de repúdio, concepções pontificias.

A atual posição das próprias lideranças católicas nada tem a ver com a infalibilidade pontifícia. O humanismo, o racionalismo, os posicionamentos individuais frente ao progresso das ciências e o sentido prático das buscas das liberdades e dos direitos humanos, levam os católicos a pensar mais a respeito do que é a Igreja, de qual é a real missão do Papa.

À medida que se desenvolvem as posições de restrição ao sonho de retomada de poder pela Igreja, os católicos, especialmente os melhor formados, voltam seus pensamentos à Reforma, quando Lutero representando as fortes correntes de católicos conscientes, semeou valores que frutificaram diversos tipos de modelos de liberdade soberana ou liberdade de conquista.

O próprio Papa João Paulo II, empenhado em recuperar poderes perdidos pela igreja e ressuscitar posturas oficiais que já não funcionam em termos de Igreja Viva, revela o que, de fato se passa na própria cúpula.

Alquebrado e ferido pela enfermidade que comove, ele vibra mais quando se refere à necessidade de cultivo da liberdade humana com vistas à verdade, à justiça, ao amor e à solidariedade do que quando

convida à aceitação de modelos que, hoje, não são assimilados nem mesmo pelos "melhores" católicos.

O TERMO PAPA

João XXIII



Originalmente, a palavra Papa evoluiu de diversas variações assemelhadas em diversos idiomas e dialetos. Passou a ser usada como designativa de bispo, de chefe e de condutor da Igreja ou comunidade.

Posteriormente, no século VI - por causa da tradição segundo a qual Pedro também fora martirizado naquela cidade - passou ser designativa do bispo de igreja de Roma.

Em virtude da gestão pastoral de Pedro naquela sede, seu sucessor exerceria a primazia de precedência honorífica ou pastoral sobre os demais bispos e viria a representar precedência funcional para garantir uniformidade eclesial nos procedimentos fundamentais

da doutrina e na organização de ordenamentos para sistematizar os relacionamentos entre os fiéis na igreja e fora dela.

Na realidade, pela observação dos fatos constantes e das medidas intermitentes, a partir do século VI, o governo do Papa, sob forma monárquica indiscutível, tornou-se sistema de poder que, por teses diversas, expressa que a Igreja católica de viés romano é de instituição divina. Portanto, o bispo de Roma tem o direito às prerrogativas de precedência que Pedro teria gozado entre os demais apóstolos.

AS NOVAS DIMENSÕES DO PAPADO

A história demonstra que o Papado se fortaleceu e se manteve soberano fazendo guerras para defender a liberdade da Igreja contra os que os líderes eclesásticos denominavam inimigos de Deus.

Na atualidade, a Igreja está preocupada em preservar seus direitos de exercer sua liberdade de pensar e ensinar e sua vocação de prestar serviços de evangelização, como todas as demais Igrejas e religiões. Parece que cresce entre bispos e teólogos a consciência da necessidade de se respeitarem todas as formas de governo colegiado dos bispos, especialmente pela impossibilidade de se admitir tanto a uniformidade de problemas como a de soluções para toda a humanidade. Além disso, os núme-

ros provam que a população mundial não é católica e cristã nem sua maioria.

As dimensões do Papado mudaram e continuam evoluindo, pois a fé não é ato cego nem adesão destituída de conteúdo intelectual. Ela é procedimento pessoal mobiliza a inteligência que, através da compreensão de valores mais profundos. Partindo destes valores, o homem chega à descoberta de novos significados, em especial os que unem e integram o conhecimento e a iluminação da graça e os transformam em ações produtivas de esperança e de solidariedade.

Não é com poucas razões que, atualmente, são raríssimas as diferenças notáveis entre as posições católicas de espiritualidade e ação e as concepções luteranas da fé e das obras. A rigor, os reformadores tinham razão. Apenas não agiram com o devido apoio da própria Igreja.

Hoje é comum a consciência de que a libertação da Igreja do peso das limitações do papado inclui a libertação paulina, parcialmente contida no Projeto de Israel, porém frustrado por causa da dureza de corações, sobretudo das elites dos que contavam com a cumplicidade de seguidores passivos.

A família cristã respeita o Papado e reconhece seu valor e sua utilidade, porém exige que ele funcione nas dimensões pedagógicas da liberdade evangélica, vivida pelos apóstolos.

Prof. José Vicente de Andrade

CRISE RELIGIOSA NA ÁFRICA



Na África Central, a igreja católica foi chamada à atenção pelo Vaticano. Dois bispos tiveram de se demitir. Alguns padres fizeram uma jornada de greve aos sacramentos. Instalou-se o mal-estar.

O que se passa na África Central tem o mérito de levantar claramente a questão do estatuto dos padres: o casamento e os recursos econômicos. Há muito que a disciplina imposta não funciona.

Toda a gente o sabe. É aos africanos que cabe tomar a palavra e dizer que são necessárias mudanças no seu país. Em outubro terá lugar um Sínodo africano. É uma ocasião de sonho para abordar livremente estas questões. Mas há receio que voltem a brindar com as banalidades do costume.

UM GRITO DE ESPERANÇA

Sim, quero gritar minha fé... e minha esperança no final deste meu livro, e ao final de minha vida sacerdotal.

Desde os 9 anos iniciei meus estudos num seminário dos padres vicentinos, em Escobar, província de Buenos Aires. Recordo as ilusões, medos e esperanças ao receber a consagração sacerdotal em 22/12/1944, com 22 anos.

Que fiz eu, Senhor, para difundir tua Mensagem de luz, verdade e amor? Quantos companheiros meus de ordenação ou estudos, já não estão... para partilhar tantas saudades de sonhos truncados!

Por que, Senhor, não soubemos compreender que o núcleo de tua pregação evangélica era sempre o amor... obsessivamente o amor... e que todo pecado é um ato de desamor, é um dano que nos fazemos ou fazemos aos outros? Por que tanta insistência de manda-

mentos e preceitos como pecado mortal?...

Por que a primazia da "obediência" sobre a misericórdia?...

Por que infundir medo, temor, castigo em nome de Deus... quando sabemos que Deus não quer a morte de ninguém... e sim que todos se salvem?...

Por que ainda e apesar das claras diretivas do Concílio Vaticano II, obra de teu fiel Pastor João XXIII, se omitem seus documentos... e se criam novos códigos repressivos sob os títulos de Direito canônico e Catecismo católico... para vergonha dos profissionais católicos?...

Por que ainda nossa Hierarquia segue os ritos medievais de ostentação e poder?...

Por que repetimos ritos de "lavação dos pés" na Semana Santa... e logo enchemos os templos de incenso, luxuosos adornos e mitras brilhantes?...

Por que se teme tanto o

matrimônio que funda a família de Cristo, e se nega a consagração sacerdotal a quem não renuncia para sempre o matrimônio... como se não fosse um sacramento... que tem mais valor que o celibato?...

E por que não se admite o celibato livre, opcional, para ser virtude? Deus meu! Bento XVI!... por que tanto medo da liberdade que Cristo nos trouxe? Não é uma injúria a Cristo exigir o celibato obrigatório para o sacerdócio, quando Ele não o exigiu?



Padre José Amado Aguirre
(último tema de um próximo livro)

FIDEL CASTRO DISCÍPULO DE JESUS



(05.09.2009) - O Presidente da Assembleia Geral da ONU, o nicaraguense padre Miguel D'Escoto, afirmou em "La Habana" que o líder cubano, Fidel Castro, é "o melhor discípulo de Jesus".

"Fidel é para mim, hoje em dia, o melhor discípulo de Jesus. Tive o privilégio de estar perto dele, de observá-lo, de ouvi-lo, de vê-lo, e é um homem enamorado da jus-

tia, da fraternidade, da solidariedade", disse o sacerdote e ex-chanceler sandinista.

D'Escoto insistiu que a ONU tem que ser "reinventada", ao apresentar seu livro "Antiimperialismo y no violencia". E disse que viu com "excelente saúde física, espiritual e psicológica" o líder cubano, de 83 anos, que deixou a presidência em 2006.

DECÁLOGO PARA LER A BÍBLIA COM PROVEITO

1. Nunca achar que somos os primeiros que leram a Santa Escritura. Muitos, muitíssimos, através dos séculos, a leram, meditaram, viveram e transmitiram. Os melhores intérpretes da Bíblia são os santos.

2. A Escritura é o livro da comunidade eclesial. Nossa leitura, ainda que seja em solidão, jamais poderá ser solitária. Para lê-la com proveito, é preciso inserir-se na grande corrente eclesial que é conduzida e guiada pelo Espírito Santo.

3. A Bíblia é "Alguém". Por isso, é lida e celebrada ao mesmo tempo. A melhor leitura da Bíblia é a que se faz na Liturgia.

4. O centro da Sagrada Escritura é Cristo; por isso, tudo deve ser lido sob o olhar de Cristo e buscando n'Ele seu cumprimento. Cristo é a chave interpretativa da Sagrada Escritura.

5. Nunca esquecer de que na Bíblia encontramos fatos e frases, obras e palavras intimamente unidos uns aos outros; as palavras anunciam e iluminam os fatos, e os fatos realizam e confirmam as palavras.

6. Uma maneira prática e proveitosa de ler a Escritura é começar com os Santos Evangelhos, continuar com os Atos dos Apóstolos e Cartas e ir misturando com algum livro do Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Juízes, Samuel etc. Não querer ler o livro do Levítico de uma só vez, por exemplo. Os Salmos devem ser o livro de oração dos grupos bíblicos. Os profetas são a "alma" do Antigo Testamento: é preciso dedicar-lhes um estudo especial.



7. A Bíblia é conquistada como a cidade de Jericó: "dando voltas". Por isso, é bom ler os lugares paralelos. É um método interessante e muito proveitoso. Um texto esclarece o outro, segundo o que diz Santo Agostinho: "O Antigo Testamento fica patente no Novo e o Novo está latente no Antigo".

8. A Bíblia deve ser lida e meditada com o mesmo espírito com que foi escrita. O Espírito Santo é o seu principal autor e intérprete. É preciso invocá-lo sempre antes de começar a lê-la e, no final, agradecer-lhe.

9. A Santa Bíblia nunca deve ser utilizada para criticar e condenar os demais.

10. Todo texto bíblico tem um contexto histórico em que se originou e um contexto literário em que foi escrito. Um texto bíblico, fora do seu contexto histórico e literário, é um pretexto para manipular a Palavra de Deus. Isso é tomar o nome de Deus em vão.

Dom Mario de Gasperin Gasperin,
bispo de Querétaro



MPC - HISTÓRICO DE MG NOS ANOS 90

Nossa realidade atual como grupo envolvido com MPC é muito diferente, pois a idade dos componentes do grupo está avançada e os netos ocupam as atenções dos vovôs e das vovós. Murchamos como integrantes do MPC e crescemos como participantes da Igreja institucional ou não.

Quem usou seus anos de maturidade na luta pela conquista do respeito de seu espaço, sua opção profissional e afetiva, agora vive as alegrias decorrentes da honestidade.

Em Minas Gerais, mais particularmente da região metropolitana de BH - segundo vejo, há muito trabalho sendo realizado em todos os segmentos sociais, pois as montanhas e vales ocultam muito de bom e muito de duvidoso. Minas Gerais não é misteriosa nem difícil de ser compreendida, especialmente agora, quando nela não se conhecem inconfidentes nem segredos como os de outrora. Aqui ainda se trabalha muito pela cidadania ou o ideal de liberdade!

Quase todos os companheiros, que classificamos ligados ao MPC [mesmo à revelia deles] participam de diferentes níveis de liderança na vida da sociedade, inclusive da Igreja de Jesus, fato que torna suas ações formas de repto por participação nos diversos ministérios oficiais, de direito devidos aos ordenados.

Aqui não pedimos retorno a privilégios: procuramos criar clima para sedimentar disposições políticas para que aconteça uma nova Igreja, que passe à prática do que foi esperança no Vaticano II [cujos documentos mais importantes há 40 anos o Papado tenta sepultar], a vivência ecumênica; a ordenação de mulheres; o recasamento; a valorização da vida celibatária para exercício de ministérios ordenados, desde que opcional; o exercício prático da colegialidade com a comunhão efetiva, inclusive dos apelidados "leigos" que se constituem no "Povo Sacerdotal".

Grupo 1

Muitos dos nossos trabalham na pastoral direta, tanto em paró-



quias, como em assessorias, como em comunidades de base, com especial destaque para Levy, Aleluia, Romão, José Cirilo, Pierino, atuantes na região metropolitana, e outros que exercem pastoral permanente em cidades do interior. Muitos dos citados seguem normas diocesanas com ministérios oficiais e outros preferem trabalhar em "guerrilha pastoral" por julgarem estreitos os limites e para tornarem mais produtivas suas ações pessoais.

Grupo 2

Há um grupo que desenvolve pastoral especial com assistência regular de dom José Maria, em Belo Horizonte e em paróquia de outra diocese. Neste grupo participam casais mais jovens ou que se afastaram do ministério "depois que os filhos dos componentes do primeiro grupo do MPC de Minas se tornaram jovens". Desse grupo que tem a direção de dom José Maria vale destaque para Moraes, Darcimar, Manuel, Cássio, Ary, todos com filhos pequenos. Sempre que se reúne, este grupo celebra usando um rito romano suficientemente "light" como expressão de que "as coisas vão mudando nas alterosas".

A característica deste grupo é a programação de visitas às casas de famílias de padres casados a fim de levar o abraço da paz que deveria ter sido dado,

durante o ritual da missa do mês! Sua ação pastoral está sendo vista com muita simpatia.

Grupo 3

Há, ainda, um grupo surgido em 1998, voltado a abertura para o movimento ecumênico e os grupos pluralistas. Nele têm cadeira cativa Stein, Romeu, Rogério, Eládio, Eli-seu, e José Vicente e suas respectivas esposas, visando a ações pastorais diversificadas, porém semi-vinculadas com Nós Somos a Igreja. A este grupo se integram líderes cristãos experientes em abordagens que confortam, fortificam e estimulam a vida espiritual também em comunidades de confissões evangélicas.

Os componentes desse grupo transitam no CEBI, no CIMI, nas pastorais operária e universitária, nos movimentos familiares e outros conjuntos de pessoas que não se 'dão bem' nas ações eclesiais tradicionais. O Romeu fundou e dirige um grupo renovador que vai se ampliando por Santa Luzia, Sabará e Belo Horizonte e vai se tornando um suporte para este grupo.

O Grupão

Pela ação de todo nosso pessoal, que gosta de se reunir para celebrar o amor fraterno, em ações constantes, sempre alguém novo nos diversos grupos de "egressos do clero" aparece na "sociedade MPC original" [na verdade em reu-

niões do grupão original, formado e incrementado por Levy e Maria José], em dias de festa, levando filhos, genros, noras e netos. A sociedade empecista de BH não economiza festas, pois todos os seus membros apreciam reunir-se para matar saudade, conhecer os recém chegados ou recém saídos. A última das festas aconteceu dia 1 de junho na casa do Levy e Maria José, na missa em ação de graças pelos 35 anos de casamento.

Durante esta missa comemorativa, os membros do grupo assistido por dom José Maria apresentou à "plenária" o calendário de sua programação de trabalhos e os locais de suas celebrações mensais até o fim do ano. Formalizaram convites pessoais e procurando adesões dos companheiros e estimulando as visitas domiciliares a famílias de padres casados que não participam das ações do MPC!

Consolo? Caminhos?

Sou de opinião que o MPC associativo e formal talvez não persista com justificativas que estimulem sua continuidade, até mesmo por decurso de prazo ou questões de DNA (data de nascimento antiga) de seus membros, quase todos já eméritos ou próximos da emeritância "canônica". Parece-me que além do importantíssimo cultivo do espírito familiar que muito nos agrada a todos, as motivações culturais e educacionais são os atrativos para desenvolvimento de todos os nossos diversos grupos empecistas.

Os antigos encontros ou reuniões de famílias do MPC foram oportunos e eficientes, pois esclareceram muitas de nossas dúvidas sobre convivência conjugal e educação, especialmente quando nossos filhos eram crianças ou apenas adolescentes! Hoje os tempos são outros! Nossos filhos, quando podem ou quando nossas pautas de reunião ultrapassam o simples saudosismo, eles continuam comparecendo não para nos fazer companhia, mas porque gostam de nosso convívio. De nossa parte, sentimo-nos felizes em ouvi-los, especialmente quando nos orien-

tam, pois quase todos eles já são profissionais estabelecidos e de reconhecida competência. Alguns de nossos filhos funcionam como luminares e trabalham como apoio de jovens padres que, por não aceitarem viver em ambigüidade, procuram em nossas famílias empecistas, formas e jeitos que os ajudem sair do estado da perplexidade do "casa-não casa".

Aqui, por Minas, ainda temos surpresas mesmo entre nossos colegas de movimentos que se envolvem, exigindo atualização e progresso, pois há de tudo, até de contradições alarmantes, pois uns simpatizam e se integram em movimentos renovadores carismáticos de linha evangélica americana; outros convergem e trabalham no Novo Catecumenato; outros mais sentem-se entusiasmados nos grupos do Focolare e outros no grupo Comunhão e Libertação.

Cá entre nós já esteve um colega que após deixar seu mosteiro na Bélgica, integrou-se na Legião Estrangeira e, depois que nos conheceu, retornou à sua vida monástica, sem se casar, sem se angustiar mais do que se encontrava quando aqui chegou e muito feliz e em paz. João, ele reza por nós todos os dias, pois diz que lhe transmitimos calor e nossa disposição de acertar na escolha de caminhos encheu seu coração de bons sentimentos e de saudade de Jesus!

Diante de tais opções e da diversidade das formas de manifestação de aspirações de todos nós, que exercemos oficialmente antes e hoje [de maneiras diversas] o sacerdócio que julgamos indispensável para dar continuidade às ações de Jesus, não podemos assustar-nos perante nossas próprias perplexidades com o que chamamos Movimento de Padres Casados ou denominações assemelhadas. A Igreja se formou séculos depois de Jesus. Portanto, não seremos nós que resolveremos as desafinações de coral tão grande e rico!

Deus nos entende, vê nosso coração e nossas mentes e nos ama.

José Vicente de Andrade

LUZ NO FIM DO TUNEL?

Percebemos que agora estamos no momento mais delicado dos últimos quarenta anos para os padres casados...

Afinal, há diálogo com Bento XVI, apesar da resistência de significativo número de bispos que hesitam em reinserir no

presbitério padres que deste foram desalojados, muitas vezes descaridosamente.

Parece-me que não é hora de se pensar em retorno coletivo, mas apenas em diálogo aberto que respeita opções para os padres casados que continu-

am na Igreja Romana. Para os que se encontram em exercício ministerial em outras, há dúvidas sérias, pois a Igreja se julga no direito de poder dialogar apenas com seus sacerdotes quanto a ministérios, não com os sacerdotes dos "outros" (assim

pensam alguns bispos).

Parece que os tribunais eclesiais suspenderam os processos de dispensas de celibato, pelo menos por enquanto... Por quê? Fala-se muito e nada se diz, por falta de parâmetros.

José Vicente de Andrade



O CELIBATO SACERDOTAL NÃO É REFERÊNCIA TEOLÓGICA

Em resposta a solicitação de visitante deste blog, edito o seguinte trecho que faz parte do Capítulo Sexto de "Descaminhos da Igreja Romana", livro em fase de conclusão e já sob contrato editorial.

O celibato é instituição formal ou informal que existe quase que como modo provisório da vida dos cidadãos enquanto jovens ou após viuvez ou separação de vivência de laço conjugal oficial ou não. É situação episdica de quem está solteiro ou sem companhia para o exercício da afetividade e da sexualidade. Em todas as culturas conhecidas há a vivência celibatária do cotidiano e a aceitação e manifestação da vivência da situação de vinculação conjugal entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes.

O oposto da vida em celibato é a prática normal ou transgressiva de atuação na vivência conjugal. É a manifestação do companheirismo sistemático. Por admitir parceiros para o afeto ou para a o exercício da sexualidade, ninguém cria condições que caracterizem nem as qualificações da vida celibatária nem as especificidades da vida conjugal. A firmeza de alguém na vivência celibatária ou na vivência do sistema de vida conjugal determina e gera maior ou menor respeito ao fato social de viver desacompanhado ou de viver na companhia de alguém para a vivência do afeto ou da sexualidade.

Jogos opcionais do corpo e da alma

O fato de homem ou mulher em estado de celibato se tornarem transgressores percebidos dos postulados da doação ou da entrega de seu corpo ao uso da sensibilidade e da sexualidade ou de permitirem vãos ou avanços de seu espírito à fantasia de um amor legalmente ilícito ou de paixão ardente não destroem nem diminuem os valores do celibato social.

O menor ou maior comprometimento de uma pessoa adulta com o testemunho de vivência da "solidão construtiva" pode servir de indicativo da qualidade da liberdade de amor compreendido ou explicitado como elemento ou valor construtivo da essência da castidade. Esta castidade pode ser entendida como a própria condição que Jesus manifestou ao denominar seu sistema de vida, de testemunho e de continuidade de Sua Igreja como manifestação do Reino de Deus, sistema que, na prática, cabe em toda e qualquer cultura até hoje conhecida.

A opção pelo estado ou sistema de vivência em celibato é tão delicada e tão pouco estudada que nenhum sistema filosófico ou teológico de explanação se fixa em desenvolvimentos de considerações sistêmicas sobre a questão do Celibato. A própria Teologia da Libertação que ousou inserir-se em quase todas as situações decorrentes de exigências de comunidades e Igrejas, optou por não sistematizar considerações que pudes-

sem macular o espírito que Jesus quis ficasse bem marcado nas considerações do celibato como um tipo de opção pessoal, segundo a natureza e a vitalidade do Reino de Deus.

O silêncio sobre a sistemática atingiu as raízes da omissão, talvez tenha sido em decorrência da exiguidade do tempo para que os grupos multidisciplinares e diversificados que catequizavam as populações das Américas e eram sufocados pela forte dominação da Santa Sé, tivessem condições mínimas de explicitar que, embora Católica, a Igreja cristã e peregrina no Ocidente, pecava, impondo o celibato a seus sacerdotes e obrigando-os a manterem-no como condição de santificação externa para quem recebesse as sagradas ordens do presbiterado e do episcopado.

O celibato como condição formal para ordenação

Esta exigência, de fato é apenas teórica, pois as transgressões por parte de bispos e presbíteros são, a cada dia, mais evidenciadas no mundo inteiro, é contra o espírito evangélico, pois invalida a possibilidade da valorização da liberdade de opção pessoal pelo Celibato. Por sua vez, o celibato é condição formal para que alguém receba e exerça a Ordem Sacerdotal.

Na conjuntura social vigente há condições que traduzem como real e inconteste que - sem escandalizar sua comunidade - uma pessoa pode decidir-se pela recepção das ordens sacras sem ter que admitir o sistema celibatário obrigatório de vivência, quer porque ele não é postulado evangélico. Esta obrigatoriedade do celibato era visada pela sociedade apenas para os cristãos ordenados e integrados no segmento eclesiástico ordenado e dos que - ao menos pro forma - aderem à vida em comum em conventos, mosteiros ou institutos chamados de vida consagrada.

A história é pródiga em registrar que o celibato é mais observado e julgado como estado de vida que, por suas deficiências, merece grandes críticas do que como meio apto a levar os cristãos à santificação. Além disso, as transgressões habituais e sempre crescentes facilitam o desenvolvimento de insinuações maldosas e mesmo notícias procedentes de transgressões por assédio, pedofilia, pederastia e outras expressivas formas de escândalo e criminalidade. Não foi, pois, sem motivos fortes que, recentemente, a Santa Sé, que passara mais de trinta anos evitando enfrentar problemas decorrentes de seleções mal conduzidas e procedimentos desastrosos, expediu normas para a seleção dos candidatos aos sacerdócio, adotando também medidas eficientes para controle de procedimentos de bispos e presbíteros.

Recuso-me a admitir como de responsabilidade episcopal os diversos desvios da Instituição Igreja. Vejo os bispos como irmãos de sacerdócio, porém com a missão delegada pelo

presbitério para exercerem a gestão de comunidades diversificadas. Nesta função cabe-lhes zelar pela integridade e pela unidade de doutrina como também pelo cumprimento da disciplina, com vistas à produtividade comunitária.

Infelizmente, por espírito de obediência, ou talvez por receio de desagradar a curiais de Roma, ou temor de sacrificar o desenvolvimento de suas carreiras pessoais numa Igreja com mais de 5 mil bispos, prelados há que - por não ouvirem suas comunidades e, de modo especial não dialogarem com seus irmãos presbíteros - deverão passar todas as etapas de seu pastoreio como criaturas fracas e cada vez mais vulneráveis. Esta situação de precariedade os incapacita de realizar a ilação entre as restrições eclesiásticas disciplinares (pelas quais são responsáveis como membros do Colégio Episcopal) e o Mandato Novo, promulgado como a Lei do Amor de Senhor Jesus Cristo para a Redenção.

Seriedade na afetividade e na sexualidade

Os pesados e tristes fracassos que se percebem nos insucessos e nas formas nada condizentes com o testemunho que a sociedade apreciaria ver nos procedimentos dos cristãos oficialmente celibatários em virtude de opção social, gera intranquilidade em termos das expectativas. O celibato obrigatório, porque mal vivido, demonstra que, por mais que a Igreja insista em seu valor, ele é mera instituição jurídica, talvez destinada ao fracasso desde seu nascedouro. Em determinados momentos históricos de devassidão ampliada e de descontrole de gestão econômica de abadias e dioceses, a exigência do celibato eclesiástico foi eficiente dispositivo de frenagem de abusos.

Mesmo nessas etapas críticas da administração eclesial não houve quem - com credibilidade suficiente - descobrisse na imposição da obrigatoriedade institucional algum sinal de Jesus. Também não apareceu quem se habilitasse a descobrir e defender algum fundamento bíblico sério ou algum exemplo da vida de Jesus, com referência ao celibato eclesiástico. Porém foi significativo o número de cristãos sábios e prudentes que denunciaram falhas na imposição da obrigatoriedade, os apoios a mentalidade pessimista e as hipócritas intenções de natureza maniqueísta com vistas ao repúdio do significado do prazer e como forma de controle das possibilidades de reconhecimento das mulheres ao desenvolvimento de sua afetividade e seus orgasmos. Estes eventos de notórias e temidas consequências revelavam o alcance maior das preocupações econômicas que os testemunhos de fé e de moralidade tanto de religiosos como de eclesiásticos.

A alta hierarquia curial romana e também a diocesana e monástica sempre se demonstraram desconfiadas e inseguras

diantes das mulheres, especialmente daquelas que, na surdina, assistiam às necessidades sexuais e afetivas dos sacerdotes celibatários. Além disso, nas mulheres férteis sempre vicejaram as possibilidades de gerações vidas novas cujas revelações costumavam gerar "sérios problemas", pois destruiriam esquemas importantes em termos de Igreja Institucional, que, a favor ou contra a verdade, sempre se empenhou em divulgar grandiosidades reais ou imaginárias do celibato obrigatório.

As qualidades da penitência sacramental

Não há registros suficientes de condenações à morte por indução procedimental do abuso da afetividade e da sexualidade, de homens que violentamente virgens e outras mulheres. A Igreja e as sociedades por ela orientadas não se contentaram em assumir, econômica e moralmente, inúmeras ações acusatórias contra as mulheres. Por malícia, eclesiásticos e religiosos da cúpula, habituaram-se a obrigar as mulheres a calar-se e, não raramente, as induziram até mesmo a se submeterem a alguma das diversas formas de holocausto. Em nome da pureza, da virgindade, da castidade, do celibato como sistema de vida.

O acesso ao sacramento da penitência, pouco considerado Igreja como o Sacramento do Perdão e da Reconciliação, tornou-se pesada forma de pressão contra as mulheres, quer pela truculência da penitência que os confessores lhes aplicavam, quer pela deturpação do entendimento do que seria a moralidade de uma ação e do que seria, de fato, pecado. A condução de praxe mal ajeitada deste Sacramento e da desproporcionalidade do que era imposto como condição para a absolvição, dizia respeito ao gozo sensual e sexual ou à privação dele. O mais ou o menos das orientações e da penitência eram de acordo com as tendências morais de raízes gnósticas aceitas pelos confessores. Consequentemente.

A qualidade dos procedimentos místicos era de acordo com o que se ocultava ou se manifestava em termos dos valores da sensualidade e da sexualidade na vida das pessoas, casadas ou celibatárias. O abuso maior desta fase deve ter sido a descontrolada atribuição aos sacerdotes confessores e diretores espirituais de determinadas formas de crédito sutil que os autorizava ao cabal domínio das consciências e ao "direito pastoral" de manipular escrupulos, temores e as supostas dimensões da culpabilidade das pessoas. A qualificação do juízo do confessor era fator determinante dos controles e procedimentos pastorais dele junto às famílias e aos grupos de referência de seus penitentes

Jesus não foi inimigo das mulheres

Raros foram os bispos, teólogos, sacerdotes e pesquisadores que tiveram coragem e conhecimentos históricos e te-

ológicos que valorizassem a personalidade de Jesus. A preferência da maioria deles foi por modelos ascéticos que acentuavam a imolação de Jesus e O enalteciam como inimigo do prazer sexual e dos demais desenvolvimentos da sensibilidade, sem fazerem qualquer referência séria e objetiva às posições condenatórias de Jesus contra a injustiça.

As repetidas insistências da Igreja Primitiva pela liberdade de amor dos cristãos era uma espécie de manifestação do celibato vivido por Jesus Cristo, em represália ao estado da injustiça que se praticava contra os mais fracos e os oprimidos. De maneira positiva era uma proclamação da sublimidade dos direitos humanos, então dimensionados pelos cristãos como a Carta Magna do Reino de Deus (território ou status político e místico virtual). Esta Carta à qual hoje se dá pouca importância na própria Igreja, durante séculos, foi o mais profundo e o mais forte documento de valorização das qualidades do amor humano, também criado por Deus.

Esta falha histórica, talvez um cochilo reforçado pelo tempo, propiciou a falsa informação de que Jesus era inimigo das mulheres. Sem dúvida um descuido de cuja interpretação os sacerdotes e pregadores celibatários católicos extraíram elementos que usaram para concluir que o Senhor condenava não apenas as manifestações femininas de ternura, mas também o próprio orgasmo feminino, que - seguindo as linhas da tendência gnóstica, os moralistas cristãos insistiam em apresentar como um "forte gozo, porém passivo".

Se vale hipótese onde não há indicativo de certeza, a minha é que a morte prematura de Jesus o tenha impedido conviver de forma estável com uma mulher! Os próprios evangelhos atestam que mulheres diferenciadas, como a adúltera, a cananéia, Madalena e outras, possivelmente o tenham amado com ternura e paixão. Ele - segundo o permite o contexto de sua vida - talvez não se negasse a assumir seu amor por elas ou por alguma delas!

A castidade com o valor da ternura

No tempo de Jesus, nas sinagogas liam-se não apenas livros épicos das conquistas de Davi e lamentos penitenciais de profetas, mas também os poemas de amor humano, atribuídos à sábia e sensibilidade de Salomão. Por isso não é de se admirar que, quando da criação das primeiras comunidades de fé cristã, em Jerusalém, nas colônias das cidades periféricas e em toda a Anatólia, não apenas se manifestavam encantamentos perante os valores da fecundidade sadia e atraente, mas também frente aos valores da "virgindade de passagem" e da "virgindade estável ou por promessa". Ambos os tipos orçavam os corações e as mentes de homens e mulheres, consi-

derados como criaturas de Deus, honrados por gozarem da liberdade e decantados em clima de muita sensibilidade.

Não nos é lícito concluir que o desenvolvimento dos valores da integridade humana, inclusive do respeito e valorização da libido acontecesse em clima de respeito menor. Vale considerar-se que era comum a leitura e a meditação de livros de sentimentos e erotismo de grande profundidade, como o Cântico dos Cânticos do qual - a título de ilustração - aqui apresento uns versículos, em releitura, segundo normas poéticas semitas e preservando a integridade bíblica:

Beije-me com teus lábios deliciosos (Cant. 1,2), tu, a quem eu amo, Não consigo reprimir as sensações que sinto de teu hálito puro, de tuas bafejas e do meu contato contigo (Can.2,9.) Sensações estas profundas demais e íntimas, porque nas expressões de tua face eu vejo o rosto de Deus, de quem eu me enamorei com alegria e sem envergonhar-me!

Eu sei que em ti encontrei o amor de minha vida, pois eu amo tua voz chamando-me de amor e de lindeza! (Can.2,10)

Leve-me para teu quarto e coloque-me em tua cama. Quando lá estivermos, eu quero que coloques tua mão esquerda sob minha cabeça e me abrace com tua mão direita (Can.2,6). Eu quero celebrar contigo a alegria de nosso amor sem igual (Can.1,4).

Tu és o meu pastor dos campos floridos, o Amor de minha alma, que eu agarei e jamais deixarei que te distancies de mim! (Can.3,4)

Vê-se, pois, que, no início de sua adoção, coerente com o processo histórico e a própria vivência do estado de virgindade, veneravam-se a beleza da vida casta e a pureza da realização dos votos religiosos como sinais de elevação moral e não como tentativa da Igreja em mascarar realidades. No entanto, em virtude da "clericalização de natureza romana, imposta às formas de vivência do carisma", o celibato religioso e sacerdotal se caracterizou como expressão oficial de política "alienatória" que se expandiu como, recurso, forma ou tipo de castração de pessoas de boa índole, "na tentativa de se beneficiar" a grupos que desejavam a manutenção de posições estruturais da Instituição Igreja.

Não se sabe bem, mas talvez a consagração das virgens e o estabelecimento do celibato "levítico" e institucional, não tenha sido como as realidades das vestais romanas, apesar de que a virgindade regulamentada na Igreja teve sua fase áurea quando era honestamente funcional e válido o significado das consagrações dos celibatários como celebração comunitária de entrega consciente e livre de um homem ou mulher para o serviço do próximo.

José Vicente de Andrade



DOCUMENTO FUNDANTE DO MPC

RELATÓRIO DO 1º ENCONTRO DE PADRES CASADOS
(realizado em Nova Iguaçu - nos dias 28 e 29 de julho de 1979)

I - HISTÓRICO

DO ENCONTRO:

Há dois anos atrás, já houvera uma conversa inicial com D. Marcelo Cavalheiros sobre este assunto:

"Muitos padres casados se afastaram da Igreja por causa de uma certa visão da igreja oficial, que os marginaliza. Mas estas pessoas não se afastaram de um compromisso com o povo. O fundamental não é mais estar dentro da igreja oficial, mas é viver a escolha sem se preocupar muito com a estrutura. Por outro lado, o padre casado ainda pode fazer algo a esta igreja oficial: ele pode colocar a sua luta junto do povo junto desta igreja oficial".

Neste tempo todo, casais se dispersaram. Alguns bispos que tentaram superar aquelas leis proibitórias ficaram marginalizados.

Através de troca de idéias durante estes dois anos, nasceu agora este primeiro encontro com o objetivo de:

- Confrontar as experiências
- Prestar serviços à Igreja do Brasil

- Ajudar a Igreja Oficial a dar uns passos a mais.

P.S.: Há quatro anos atrás houve uma pesquisa ampla que foi respondida positivamente. Depois a coisa parou, mas não desapareceu. Ficou um tanto nebuloso. Mas, por fim, existe sempre um pequeno grupo que provoca de baixo para cima. Há abertura para o assunto, apesar de ter ainda pouca proposta.

II - ROTEIRO SEGUIDO PARA O ENCONTRO

O grupo de S. Paulo havia mandado uma sugestão de pauta para o encontro e a mesma foi aceita como roteiro:

1 - Colocação de cada um: - Compromisso com o povo. - Engajamento político.

2 - Dificuldades: - Com a igreja estrutura. - A nível profissional

Complementando o roteiro, o grupo presente achou bom frisar o seguinte: Ter como base o compromisso com o povo, o engajamento político.

III - APRESENTAÇÃO DO GRUPO

1: Franco e Ana:

Moram em um bairro da periferia de S. Paulo, S. Mateus. Franco exerce a função de padre. Franco e Ana atuam em trabalhos sociais da comunidade.

Aceitação: Não está sendo muito difícil por parte do povo. Só houve um susto inicial, mas o povo acha boa sua decisão. Um pequeno grupo, no entanto, tentou dificultar sua saída, mas

não teve influência junto do povo. O bispo apoiou teoricamente.

2: Raimundo e Teresinha

Casados há um ano e meio, moram em S. Paulo. Raimundo participa mais diretamente da Pastoral Operária.

Teresinha participa dos trabalhos da comunidade no campo de loteamentos, esgotos etc.

Aceitação: Sentem uma marginalização por parte da igreja estrutura. Concretamente, o bispo pediu que Raimundo deixasse a coordenação. Entre os padres da região também não havia grande aceitação e apoio. Também Teresinha foi convidada a deixar a comunidade aonde ela vinha e vem participando.

3 - Renê e Lúcia:

Moram em Andradina - SP. Casados há um ano e meio. Trabalham, os dois, integralmente, com as comunidades urbanas e rurais. São remunerados para este trabalho. Trabalham atualmente na pastoral rural.

Aceitação: A Diocese - no geral - não faz obstáculos. Discutiu o problema, assumiu os padres casados; o povo também. Houve barreiras a partir de outras dioceses, alguns padres, mas estas barreiras é mais pela linha pastoral de cunho libertador assumida por estes padres casados.

4 - Ricardo e Leonor:

Moram em bairro da periferia de SP. Ricardo deixou o ministério e está a procura de um trabalho. Quanto aos trabalhos com o povo, Ricardo atuava em três bairros. Leonor trabalha fora para a subsistência e acompanha os trabalhos em uma comunidade onde mora.

Aceitação: O povo está aceitando bem sua saída. O bispo da região acha que ele deve sair do bairro.

5 - Dario e Teresinha:

Moram em Goiás. Casados há três anos. Trabalham com lavradores, na área de educação, saúde, organização, etc

Aceitação: A diocese apóia totalmente os dois. Recebem remuneração dela, são empregados de carteira assinada.

6 - Adriano

Mora em Belo Horizonte, trabalha na Fiat como eletricitista. Ninguém sabe que ele é padre. Ele mora em uma favela. Trabalha na ACO.

7 - Lourenço e Vanice

Moram em Nova Iguaçu. Lourenço participa da Pastoral Operária no Rio e de reuniões com operários. Vanice participa



do grupo de compras em comum.

Aceitação: Houve problemas com o bispo. Teve de sair do Rio.

8 - Rogério e Valdira:

Moram em Salvador. Lutam para dinamizar as lideranças operárias em vista de partidos operários.

Aceitação: Na época de sua opção, a Igreja Estrutura não apoiou em nada. Atualmente não querem mesmo ligação com a Igreja, pois acham-na hipócrita.

9 - Aristóteles e Marina:

Moram em Salvador. Sentem a necessidade de trabalhar mais junto ao povo, em comunidades de base.

10 - Marcelo

Mora em Juiz de Fora. Ele e esposa trabalham com ACO e RI. Sentem-se isolados no trabalho.

Aceitação: Houve muita barreira da parte da igreja estrutura. Era coordenador de pastoral, mas com o casamento foi mandado embora. O bispo criou dificuldades para que Marcelo continuasse nos trabalhos que desenvolvia e, apesar de abaixo assinado do povo, teve de deixar a comunidade.

11 - Agostinho:

Mora em Nova Iguaçu e exerce o ministério. Trabalha na coordenação geral da ACO. Foi ele que proporcionou, em grande parte, este encontro.

IV - DESENVOLVIMENTO DO ENCONTRO

Através das diversas apresentações, fomos percebendo as preocupações maiores dos participantes. Tentamos assim sintetizar e foram estas as questões que delinearão todo o encontro.

1. A Igreja como está, ela é de fato um instrumento para a luta de classes?

2. O serviço ao povo mais oprimido, ou a opção que estamos fazendo, exige que a gente fique na Igreja e a utilize como instrumento, ou que saia dela?

3. Como deve e pode ser nosso relacionamento com a igreja estrutura, no nosso sacerdócio, enquanto serviço ao povo mais oprimido?

4. Como conciliar o trabalho profissional e pastoral.

5. Até que ponto a escolha de uma profissão é testemunho de serviço junto ao povo?

6. Como, trabalhando em sindicatos, partidos, pode-se pensar em um novo tipo de Igreja.

7. Até que ponto o casamento nos leva a um compromisso com a libertação, nossa e do povo?

V - CONCLUSÕES

- Nuclear elementos com as mesmas preocupações

- Manter este encontro nacional.

- Cada local aqui representado terá uma pessoa como ligação entre os vários grupos.

- Tirar deste grupo uma comissão encarregada de preparar o próximo encontro nacional.

- O próximo encontro será para rever, analisar nossa atuação e tentar aprofundar um pouco qual a nossa prática política junto do povo.

- O próximo encontro nacional será na Semana Santa de 1980, no Rio

VI - AVALIAÇÃO

- Foi importante o encontro, pelo ânimo que deu na gente.

- As experiências nos enriqueceram e abriram novas perspectivas.

- O encontro nos fez levantar com nossa prática. Sentimos que estamos construindo.

- Importante os riscos que cada um de nós está fazendo. Inspira a gente pra luta.

- Valeu também como questionamento frente a nosso compromisso diante do Evangelho e do povo.

- Deu-nos segurança.

VII - TAREFAS

Ficou definido um grupo responsável pela ponte entre os vários grupos. Esta equipe é a seguinte:

- Agostinho, Rio. Valdir, Goiás. Ernesto e Rogério, Bahia. Adriano, Minas Gerais. Raimundo, SP.

- A coordenação do próximo encontro ficou a cargo do mesmo grupo de ponte.

- Ficou como sugestão de nos utilizarmos do Centro Ecuemênico de Informação e Documentação, pois eles possuem uma infra-estrutura que poderá ajudar bastante.

Equipe responsável pelo relatório: Leonor e Renê, de SP

18º ENCONTRO MPC

Presenças

Nosso Encontro não se restringe apenas aos Padres Casados e suas famílias, mas é aberto a todos que tiveram uma formação sólida em seminários e em casas religiosas e que queiram confraternizar-se conosco. Há muitas pessoas, ex-religiosos e religiosas, ex-seminaristas, com uma grande formação humanística cristã, imbuídos do ideal do Reino de Jesus Cristo e que ficam na "praça" à espera de quem os convoque. O Encontro é mais que um convite para, unidos, entrarmos no trabalho da Vinha do Senhor.

Mulheres ajudem a preparar o 18º Encontro MPC

Na indecisão dos varões teólogos em Recife sobre o local do próximo encontro, nos bastidores algumas mulheres, notadamente Altiva, Aulília e Telma, se mobilizaram e procuraram Margarida, mulher totalmente alienada de qualquer discussão teológica, mas muito prática, e a incentivaram a assumir este Encontro. Sua aceitação surpreendeu alegremente o marido Mário, por ela ter tomado a iniciativa de assumir este desafio.

Pedimos a colaboração de todos, especialmente das mulheres do MPC com oração, sugestões e ação.

Tópicos a analisar

1 - Para participar do encontro não há necessidade de querer concelebrar. Celebraremos nossa fraternidade!

2 - A finalidade principal é ficarmos juntos, nos conhecendo mais, nos ajudando a progredir no amor.

3 - Os demais encontros dos Padres Casados e suas famílias sempre tiveram esta conotação de amizade fraternal. Neste encontro queremos enfatizar este ponto e deixar mais tempo para os diálogos e para os depoimentos pessoais e familiares. É visando esta finalidade principal que, a pedido de vários componentes do MPC, nosso encontro terá um dia a mais.

4 - Todos os padres que conhecemos e suas famílias conservam a fé em Cristo e na sua igreja, com grande vontade de expandir o amor de Deus entre as pessoas.

Como somos uma comunidade de gente de fé, também acreditamos que o ponto básico para fortalecer nossa amizade será o encontro amoroso e silencioso feito Palavra e Fração do Pão. Este é o fundamento e raiz do amor cristão!

5 - palestras de reciclagem teológico-pastoral, reflexões sobre os caminhos da humanidade, das religiões e do cristianismo são sempre importantes, mas elas não podem abafar o objetivo principal que é o relacionamento amigável entre as pessoas; e isso se realiza mais através dos testemunhos de cada qual a respeito da sua pessoa, da sua família, do seu trabalho e da participação da vida comunitária.

Mário Palumbo - Organizador

VAMOS CONSTRUIR O SAITE DOS PADRES CASADOS

PARA A CONSTRUÇÃO DE NOSSO SAITE NASCITURO, TEMOS DE NOS MOBILIZAR TODOS...

Oi, amigos e colegas, precisamos recuperar, arquivar e organizar as fontes históricas importantes para a História do MPC. A meu ver, são as seguintes:

- * Toda a coleção de Jornal Rumos
- * Toda a Coleção dos Jornais dos MPC locais: Sinal (CE); Sal Terrae (RN); Pontapé (PB) e outros
- * Todo o acervo de longas filmagens feitas com tanta dedicação por Sérgio Bernardoni, de Goiânia, em vários Encontros nacionais. É um amplo e qualificado material áudio-visual que nunca foi bem aproveitado pelo MPC
- * O que foi escrito sobre o MPC no site www.oraetlabora.com.br, com autorização e colaboração do Mário e Equipe
- * As cartas finais de todos os Encontros Nacionais -
- * As avaliações após cada Encontro Nacional, feitas por várias

pessoas

- * Entrevistas à imprensa dadas pelos vários Presidentes
- * A correspondência trocada no nosso e-grupo padrecasados@grupos.com.br que pode, pelo menos em parte, ser encontrada no site: www.grupos.com.br/group/padrecasados, na Seção: MEN-SAGENS, antes dos Encontros Nacionais, sobretudo os de Recife e Salvador e, agora, do de Ribeirão Preto
- * Entrevistas na TV e Globo-Repórter sobre o MPC.
- * Os consistentes Cadernos e Apostilas feitas na Preparação para o XIII Encontro em BH, em 2000
- * As sólidas reflexões feitas por Armando e Equipe do Paraná antes dos Encontros de Salvador e Recife, por Jorge Ponciano e Chico Salatiel, em preparação ao XV Encontro em Luziânia e por mim em

preparação ao XIV Encontro em S. Luís.

- * Reflexões críticas de gente da primeira hora, descontentes com certos RUMOS do MPC: Francisco Resende, Fábio França, Raimundo Nonato de Brasília e alguns outros que é bom ouvir com mais calma e atenção, numa sadia abertura dialética e democrática.
- * Reflexões críticas ao MPC feitas por Paulo Lúcio, Germán Calderón, Mirosław e, agora, por Álvaro Celso de Recife, todos chegados um pouco mais tarde, quando o MPC já tinha longa caminhada e que tiveram dificuldades de entender seu presente com o passado do MPC
- * Polêmicas surgidas após a bela Liturgia final do XIII Encontro, em BH, pelo fato de vários colegas, de certa forma liderados por D. José Maria Pires, não quiserem

concelebrar. Houve vários comentários e debates publicados nas edições seguintes do Jornal Rumos

- * A forte crise provocada pela autocracia da Diretoria da Paraíba, em 1998, quando D. Podestá e todos nós fomos impedidos de concelebrar
- * Os fatos de Brasília: SER, Jornal Rumos, Cooperativa e seu posterior fracasso e desmanche, criação de novo Jornal que tentou se substituir a RUMOS como Órgão oficial/oficioso do MPC/Associação Rumos
- * Livros de colegas e de outros sobre o MPC, sua história e sua problemática
- * Alguns Estudos do Luís Guerreiro, de Brasília; e algumas boas reflexões de José Vicente e de outros, sobre o MPC
- * Quanto às nossas relações internacionais, Jorge Ponciano e Luís Guerreiro já escreveram várias ve-

zes sobre o assunto. Talvez o Luís Guerreiro poderia escrever algumas páginas sobre esse importante assunto, pois, bem ou mal, fomos e somos um importante ponto de referência para vários movimentos nacionais afins, sobretudo na Indo-América e na Europa.

Foi só isto que lembrei agora. Preencham as lacunas... A organização deste acervo vai, no meu entender, ajudar muito e estruturar nossa Memória, a alimentar o novo site nascituro, a pesquisa acadêmica sobre o MPC/Associação Rumos, nestes 30 anos de caminhada.

Penso que poderíamos dar um pouco de tempo para refletirmos juntos sobre este momentoso e urgente assunto na Assembléia Geral em Ribeirão Preto

Um abraço... e mãos à obra.

João Tavares

TEÓLOGO - PERSONA NON GRATA?

A"maré" eclesial, definitivamente, não está para teólogos; está mais para animadores de platéias, curandeiros, exorcistas, padres cantores e oradores em línguas.

"Neste momento [...] estamos, teologicamente, como que parados, passando por uma espécie de desânimo. [...] Os nossos teólogos demonstram um pouco de medo" - palavras de Dom Aloisio Lorscheider (em: "Mantenhams as lâmpadas acesas!", Ed.UFC 2008, p.90).

Ao recuo da razão teológica corresponde, no atual cenário eclesial, o avanço pujante de uma espiritualidade sentimentalista, devocional e intimista que se afasta de tudo que cheira a "crítica" como o "cão" se afasta da cruz.

De fato, o esforço teológico por uma compreensão mais profunda e madura dos dados da fé revelada há de se desdobrar - inevitavelmente e desde os tempos remotos dos "santos padres" - em exercício da "crítica", no sentido positivo de apontar contradições no pensar e incoerências no agir dos cristãos e tentar eliminá-las.

Durante os últimos 100 anos de história da Igreja, a



Teólogo

atitude do Magistério Eclesiástico para com a crítica teológica tem oscilado bastante: de um certo incentivo a novas investigações bíblico-teológicas sob o papa Leão XIII às duras condenações sob Pio X. De uma nova abertura durante o pontificado de Pio XI à onda de cassações com Pio XII. Da reabilitação de muitos teólogos cassados por João XXIII e Paulo VI aos "silêncios obsequiosos" impostos na era de João Paulo II e do

então cardeal Ratzinger.

O atual "inverno da teologia" é, indubitavelmente, fruto das duras intervenções que a Cúria Romana tem perpetrado, ao longo das últimas duas décadas, em muitos institutos de formação teológica da América Latina, chegando a ordenar o fechamento de alguns deles, como foi o caso do ITER (1989), no Recife, a "menina dos olhos" de Dom Helder Câmara.

Quem o afirma - e lamen-

ta - é, mais uma vez, o cardeal Lorscheider: "A própria teologia aqui na América Latina, ao invés de ser favorecida, foi um tanto calada. Por isso, hoje em dia, ninguém mais tem coragem de falar". E arremata: "Esse medo faz mal. O Magistério não devia incutir esse medo!" (2008, p.91).

O porquê desta hostilização da teologia? É que a leitura histórico-crítica da Sagrada Escritura e da História Eclesiástica teria trazi-

do mais danos do que benefícios ao "povo de Deus", semeando questionamentos e dúvidas em meio aos fiéis, provocando até crise de fé em não poucos. Reclamava, em 1990, o cardeal Ratzinger na "Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo": "O teólogo, não esquecendo jamais que também ele é membro do povo de Deus, deve nutrir-lhe respeito, e esforçar-se por dispensar-lhe um ensinamento que não venha a lesar, de modo algum, a doutrina da fé" (nº11).

A crítica teológica não teria sabido contentar-se com os campos da interpretação bíblica e histórica. Teria "avancado o sinal" e começado a questionar as próprias definições, consagradas há séculos, da Teologia Dogmática, bem como a estrutura hierárquica da própria Igreja. Desconcertados e, talvez, até decepcionados com o intelectualismo e criticismo dos teólogos, muitos católicos a eles teriam dado as costas e se lançado em grupos de oração, seminários do Espírito Santo e procissões devocionais onde - supostamente - alimentariam melhor a sua espiritualidade, pensando menos e sentindo mais.

Que o abandono da razão teológica, contudo,

não pode ser uma saída aceitável provou, justamente, uma encíclica do papa João Paulo II, intitulada "Fides et ratio", que insiste em uma necessária articulação e interdependência entre fé e razão...

A teóloga feminista Ivone Gebara, religiosa da Congregação das Cônegas de Santo Agostinho e doutora em Filosofia e Ciências da Religião, lecionou durante 17 anos no Instituto Teológico do Recife (ITER), até o seu fechamento por ordem de Roma. Experimentou dolorosamente, alguns anos depois, uma condenação ao silêncio obsequioso, tendo que se afastar, por um período de dois anos, da docência e da publicação de qualquer escrito seu. Após cumprir a penalidade imposta pelo Vaticano, veio a público com a obra "Rompendo o Silêncio" (Petrópolis 2000). É com muita propriedade, portanto, que ela proferirá conferência durante a SEMANA DOM HELDER CAMARA, na noite do dia 30 de setembro, às 19:00 h, no auditório do Colégio Santo Tomás de Aquino, com o tema "A repressão ao pensamento teológico na Igreja, hoje".

Adital - Carlo Turis, teólogo católico

MPC DO CEARÁ

DEPOIMENTO DO SAUDOSO LAURO MOTTA E MARAVILHOSO DOCUMENTO ENTREGUE AO PAPA JOÃO PAULO II EM 1980.

Trata-se do documento que enviamos a João Paulo II por ocasião de sua presença em Fortaleza, em 1980, quando aqui se realizava o X Congresso Eucarístico Nacional, que tinha como tema "os migrantes".

O MPC do Ceará nasceu na redação deste documento. Após a sua confecção nós, padres casados de Fortaleza passamos a nos reunir mensalmente e nos organizar. Da expressão "a nossa situação constitui um sinal profético dentro da Igreja", tiramos o nome do nosso jornalzinho "SINAL".

Eu fiz uma primeira redação do texto que, durante meses, passou, de mão em mão, por todos os colegas. Houve cortes, acréscimos, algumas passagens suscitaram polêmicas, mas ao final tivemos uma unanimidade: todos assinaram o texto que foi entregue pessoalmente ao papa pelo nosso arcebispo, o Cardeal Aloísio Lorscheider.

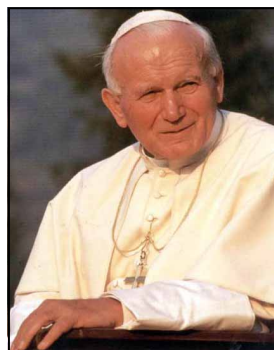
Infelizmente não tivemos resposta nenhuma, pois o papa, ao saber que aquele texto vinha dos padres casados, simplesmente o rasgou, sem ler. Uma mágoa que ainda hoje guardamos de João Paulo II.

Embora seja um texto do passado, ainda reflete, em muitos aspectos, o que se passa no MPC de hoje.

Estou escrevendo nos últimos instantes de um 2007 moribundo, e naturalmente, olhando fixamente para o nascituro 2008, na esperança de que tenhamos paz.

Lauro Motta.

AO PAPA JOÃO PAULO II



1. Quem somos

... E Abraão emigrou. Deixou a sua terra em nome do seu Deus. Na outra terra onde irá habitar, na nova situação em que desenvolverá uma vida diferente, ele cultivará a presença do mesmo Deus que o inspirou, acompanhou e com ele ficou. Surgirá um novo homem,



mas este novo homem será o mesmo Abraão. Com os dois, Deus permanecerá.

Também nós, padres casados, migramos. Deixamos uma terra e o fizemos em nome do nosso Deus. Na outra terra onde vimos habitar, na nova situação em que agora desenvolvemos outra vida, cultivamos a presença do mesmo Deus, na convicção de que Ele nos inspira, nos acompanha e continua conosco. Somos outros e, no entanto, como Abraão, continuamos os mesmos. Nos dois estados, padres celibatários ontem, padres casados hoje, Deus permanece.

É precisamente esta diferença e esta permanência, o outro e o mesmo, tão bem integradas em Abraão, que sentimos conciliar-se em nós. Há oposição, mas não há incoerência. As contradições se entrelaçam e se estabelecem numa síntese superior, assumidas e superadas.

Escolhemos caminhos diferentes. Exercemos as mais variadas profissões. Muita coisa, porém, nos aproxima: uma mesma formação nos tornou solidários na maneira de enfrentar os problemas; a ordenação sacerdotal criou em nós laços indestrutíveis; a idêntica posição que tomamos diante do sacramento do Matrimônio criou solidariedade entre nós, na luta da vida cotidiana.

Formamos, dentro da Igreja, um grupo não mais clerical e também não unicamente leigo. Isto nos dá uma nova visão de Igreja. Nossa formação teológica é idêntica à dos padres celibatários. Possuímos a mesma vivência e experiência pastoral. Participamos na reflexão e ação de novas formas de viver a fé em comunidades paroquiais e em comunidades de base.

A essa riqueza acumulada, acrescentamos, agora, novos valores, oriundos de nossa nova vocação. A experiência concreta da vida matrimonial e a diversidade de cargos em vários setores da sociedade nos dão conhecimentos vivenciados e nova compreensão dos problemas do Povo de Deus, abrindo novos caminhos para uma maior penetração do fermento cristão.

2. Nossa colaboração

Considerando tudo isso, resolvemos fazer ouvir a nossa voz neste X Congresso Eucarístico Nacional, em nossa querida cidade de Fortaleza, na convicção profunda e franca de que a nossa situação constitui um sinal profético dentro da Igreja.

Como tantos outros, também ouvimos as perguntas do Congresso: "para onde vais?", "como vais?", "com quem vais?". Fomos receptivos e vimos dar a nossa resposta.

Vamos livremente atendendo a

antigos acenos feitos por nossos bispos reunidos em Medellín, quando exortaram aos padres casados que "dêem testemunho do Reino para o qual foram consagrados" (Medellín, II, 30). Os mesmos bispos recentemente expressaram o desejo de que possamos "colaborar no serviço da Igreja" (Puebla, 710), repetindo os Padres Sinodais que apelaram "aos que nos deixaram, ordenados para o Reino de Deus, a continuarem no trabalho apostólico". (Sacerdócio Ministerial, II, 4, 1971).

Quando decidimos migrar, não foi por cansaço ou desprezo. Foi para sermos fiéis à voz de Deus que nos chamou a uma nova missão. Nós somos Abraão. Fomos interpelados, pusemo-nos a caminho e, agora, respondemos: "Estamos indo para onde o Senhor nos mandou!"

Num espírito filial de escuta e ajuda, assim como fomos interpelados, também perguntamos: "Para onde vais, Pedro?"

Em suas viagens de apóstolo incansável, o Santo Padre entusiasticamente desperta em muitos a fé, anima multidões com a palavra do Evangelho. Mas, encerradas as visitas, muitos cristãos ficam amargurados, pois não foram ouvidos no que lhe é mais íntimo e divino: a consciência.

Homens e mulheres, da Europa, da América, da África e agora do Brasil, consagrados ou não,

casados ou não, querem dedicar-se à Igreja com o amor autêntico de João e o fervor apostólico de Paulo, mas os pastores julgam não necessitar de seu serviço. E isso quando grande parte do rebanho vagueia pelo deserto, sem pastor...

Homens e mulheres, entusiasmados pela mensagem do Evangelho, procuram novos caminhos para exprimir a milenar fé no Senhor, e são bloqueados por censuras, sem que muitas vezes sejam respeitados os proclamações direitos fundamentais da pessoa humana.

Homens e mulheres, desejando viver plenamente esta mesma fé e confiança no Senhor, são abandonados numa escura noite, porque a hierarquia lhes fecha a porta, não lhes reconhecendo o direito de procurar soluções adequadas para dificuldades de nossa época.

No mesmo espírito filial, mas convencidos do valor do serviço que prestamos ousamos levar nossa sugestão: que Paulo faça como João, ouvindo, no peito dos irmãos, aos quais serve, o coração que procura, interroga e suplica!

O mundo já não se contenta com soluções sumariamente impostas em nome da "Lei de Deus", quando esta lei não se manifesta claramente na história.

Que sejam ouvidos os anseios dos colegiados episcopais, dos presbitérios, dos conselhos pastorais, que mais proféticos seriam se seus membros pudessem viver e falar sem medo e sem máscara. Quem tem a coragem de abrir seu coração e falar abertamente o que pensa? As portas para uma autêntica e madura discussão freqüentemente são fechadas com argumentos autoritários e, lamentavelmente, muitas vezes com condenações. Cria-se, destarte, uma situação de conflito em muitas pessoas: agem de uma maneira e pensam de outra, ou, então, arriscam-se a agir como pensam, mesmo sabendo que não têm respaldo de seus superiores, embora o tenham do Povo de Deus.

E a Igreja se desacredita, pois quando se extingue o eco dos "Hosana" e dos "viva" das multidões famintas, estas se voltam para o dia-a-dia onde continuam a encontrar a injustiça em seu próprio povo e em sua própria igreja.

Nesta igreja, migrantes, todos nós caminhamos na mesma fé, rumo à mesma Pátria!

Padres casados de Fortaleza, 1980.

SUGESTÕES E MATERIAL PARA O SAITE DO MPC

Felix, parabéns! Excelente idéia. O nosso saite será uma criança linda e logo chegará à idade adulta.

Para começar poderia resgatar os melhores artigos do Rumos com cheiro de atualidade.

Não sou expert no assunto mas sugiro que os temas abordados tenham boa fundamentação teológica e bíblica para desde o início gerar credibilidade.

A prolixidade cansa. Isto breve e placebis...

As informações passem pelo crivo de uma equipe e não apenas de um único responsável, para que as análises dos prós e contras sejam isentas de paixões

personais, nem tendenciosas nem meramente informativas.

Na minha opinião um saite do MPC deve buscar admiradores, aliados, o efeito multiplicador, a excelência e a referência. Dizer verdades suavemente sem pretender polemizar.

No encontro de Brodósqui com certeza será melhor delineado.

Agora vai o seu pedido de material para o saite. Pesquisei na internet e encontrei todos os temas, datas e locais de Encontros de Nova Iguaçu até Luziânia. Foi divulgado pelo Oraetlabora em 2005.

Almir

2 TIPOS DE PADRES CASADOS

1º tipo: aqueles que solicitam ao Papa a "redução ao estado leigo", ou seja, as tradicionais dispensas de votos e ordens a que os sacerdotes se sujeitam, quando desejam optar pelo matrimônio. No Brasil são uns 6.000. No mundo, passam de 150.000.

2º tipo: sacerdotes "da ativa" que convivem, de modo estável, com mulher, companheira e herdeira legal, quer pelo tempo de convivência sob o mesmo teto, quer por matrimônio clandestino.

Estes sacerdotes evitam ser arrolados como padres casados! Mas a Santa Sé, Bispos e Povo de Deus sabem que, no mundo todo, existem milhares e milhares deles...

JOSÉ VICENTE LUTADOR VITORIOSO

Ele sofre, hoje, aos 72 anos, as consequências da hipertensão não tratada devidamente ao longo do tempo. O professor aposentado José Vicente de Andrade tem um vasto currículo acadêmico que lhe consumiu tempo e trabalho. A saúde ficava sempre para depois, mesmo sabendo que era hipertenso há muitos anos, talvez, "até de nascença", brinca ele. A pressão alta, aliada à obesidade e ao tabagismo, foi responsável por uma série de doenças como a miocardiopatia (dilatação do coração), insuficiência renal e hipotireoidismo.

Mesmo tendo parado de fumar há 20 anos, emagrecer 13 quilos, atualmente estar com a pressão controlada por medicamentos e por uma dieta sob orientação de nutricionista, o coração e o rim do professor já estão afetados. Quando procurou a ajuda de um cardiologista, o quadro já era grave, mas como biógrafo e coordenador da beatificação de padre Eustáquio, continuou tendo fé e esperança. Negociou com ele: "Se me matar, não vai ser canonizado", diz, com a devoção de quem já



Parei de fumar há 20 anos, emagreci 13 quilos

foi padre por 11 anos, mas desistiu do sacerdócio em 1973, para se casar e ter dois filhos.

A partir do controle da pressão, com sete medicamentos - "já cheguei a tomar 20" - e de uma disciplina monástica, o coração e o rim começaram a melhorar. Ele reconhece que o avanço das pesquisas e os cuidados médicos,

além da tecnologia científica, o estão ajudando a manter aceso o sinal verde da vida. "Saí do vermelho", constata o professor, que já teve a pressão em 16 por 11 e hoje está estabilizada em 12 por 8. Paralelamente, ele faz tratamento com um nefrologista, pois apenas 30% dos rins funcionam.

Beto Magalhães/EM/D.A Press

SALVADOR DIMECH, PADRE CASADO

NÃO SE ACOMODOU E CONSTRUÍU UM BELO EXEMPLO DE AMOR AO PRÓXIMO

O padre casado Salvador Dimech, nascido na Ilha de Malta e radicado no Brasil desde 1959, foi homenageado pela Câmara Municipal de Paulista, município da Região Metropolitana do Recife, com o título de "Cidadão do Paulista". Uma justa homenagem! Na verdade, a vida de Salvador Dimech se confunde com a história da comunidade de São Pedro, bairro do Janga, em Paulista, Pernambuco, onde reside desde 1978.

Casado com Nágela Santiago e pai de três filhos, Salvador Dimech nasceu em 1938 na Ilha de Malta, que fica a 90 km da Itália. É o terceiro de seis filhos, todos nascidos numa comunidade de 400 famílias de pequenos agricultores, situada numa colina, que ainda reflete a fé que Paulo Apóstolo deixou no seu naufrágio na sua viagem, preso, de Jerusalém a Roma (Atos 28, 1-18). Termi-

nado o curso primário, aos 13 anos entrou no Seminário Menor Diocesano.

Ao concluir o curso de Filosofia, realizado no Seminário Diocesano de Malta, em 1958, decidiu vir para o Brasil, junto com outros sete seminaristas, cursar Teologia, na Diocese de Petrolina, em Pernambuco. Os quatro anos de Estudos de Teologia foram realizados no Seminário Central da Bahia (1959-1962) em Salvador.

Em 03/06/1962 foi ordenado Presbítero na Catedral de Petrolina/PE pelo Bispo Dom Antônio Campelo. Durante nove anos trabalhou como vigário cooperador, na Matriz de Araripina, sertão pernambucano. Sua preocupação com o social se revelou desde cedo e resultou, entre outros projetos, na criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araripina.

Em 1971 se transferiu para a Diocese de Petrolina para Arquidiocese de Olinda e



Recife. Em 1973 solicitou a dispensa do celibato. Desde esta época, quando passou a morar no bairro do Janga, no município de Paulista, Pernambuco, vem desenvolvendo várias atividades pastorais. Lembra sempre

que a dispensa do celibato "não significa a proibição de participar das atividades pastorais da Igreja Católica".

Com a chegada do padre Caetano Pereira na paróquia onde viviam, em 1978, o casal Nágela e Salvador come-

çou um trabalho pastoral e social no bairro, em benefício do bem estar social e espiritual de algumas comunidades, especialmente da comunidade de São Pedro. O trabalho, que contou com a colaboração do Movimento

Missionário Jesus no Próximo MMJP, de Malta, da Prefeitura Municipal de Paulista e de diversos colaboradores, proporcionou a realização de serviços sociais de qualidade para os moradores pobres da área.

Entre os trabalhos realizados pelo casal Salvador e Nágela no bairro do Janga destacam-se a construção da Capela de São Pedro Pescador, criação da Escola Felismina Pereira com capacidade para atender 350 crianças, organização da Cooperativa de Cultura e Desenvolvimento da Comunidade de São Pedro Pescador, do Ambulatório Adauto Xavier Neto, construção da Capela de São Paulo Apóstolo, entre outras atividades como o Projeto Alimentação complementar para crianças 0 - 4 anos, que atende mensalmente 270 crianças e o projeto de Educação Cristã, atendendo 60 crianças diariamente.

Félix Batista Filho



ARGENTINA: PADRES QUE DEIXAM, HOMENS QUE SEQUEM.

Na Argentina estima-se que ao longo dos últimos 20 anos, 1100 deixaram o ministério.

Por que, depois de no mínimo seis anos de formação, eles abandonam? Será que eles deixam somente quando eles se apaixonam ou existem razões que nada têm a ver com o celibato? Como é passar de 'Padre' para 'Papai'?

Uma piada interna entre os católicos garante que ninguém conhece "quanto sabem os jesuítas, quantos são os franciscanos e quanto dinheiro tem o Vaticano."

Poderíamos acrescentar que também ninguém sabe quantos padres deixaram o ministério.

"Segundo a Igreja a pessoa que foi ordenado sacerdote nunca deixa de o ser, mas pode perder, por várias razões, o estado clerical. Se você quer se casar dentro das regras da igreja, você precisa de uma dispensa do papa.

Aparentemente, desde este ano o processo administrativo pode ser gerido por um outro Órgão do Vaticano: a Congregação para o Clero, "diz o teólogo Ezequiel Silva. O processo leva anos. Se concedido, o ex-padre pode se casar em uma cerimônia na igreja, mas "feito com cautela e sem pompa." Não pode pregar ou ler as leituras bíblicas na Missa, a menos que autorizado pelo bispo. Também, não pode trabalhar em seminários ou exercer funções de direção no campo da pastoral, ou gerenciar bens paroquiais.

Quando eles saem, vão sem casa, dinheiro, trabalho ou contribuição para a pensão. A inserção deles no mundo do trabalho é difícil, apenas com os estudos teológicos e experiência pastoral. "Um amigo me disse que ele não saiu porque tudo que ele sabia era para ser padre." Ir trabalhar em quê? pergunta Ruben Dri, que deixou o sacerdócio em 1976.

Ao contrário da crença popular, não todos vão embora quando se apaixonam por uma mulher, muitas pessoas, antes, eles se desentamam... com a Igreja.

UM CASO. Em 1983, Nelson Valenti, de 21 anos, tinha um namorado desde o colégio e alguns valores muito claros sobre a verdade e a liberdade. Mas ele se despediu da sua namorada, deixou seus estudos de arquitetura na UBA, e entrou no seminário de Moron. "Não era o misticismo, mas um profundo desejo de transformar a realidade e um forte sentimento de que todos precisavam de Deus". Aos 26 anos, um sacerdote, três anos mais tarde, não. "Ex-padres e divorciados têm algo em comum - afirma ele": Sua ex fica com tua casa e a Igreja fica com seus sonhos e ideais".

Valenti lembra que, em meio à hiperinflação, enquanto seus companheiros lutavam para encher as cozinhas de sopa, um bispo convidou-o a passear pela Europa. "Não era para fins pastorais - esclarece ele-. Recusei-me e pareceu 'escandaloso'. Ele nunca entendeu o que significava esse conceito para certos membros do clero. "Eu adoro cantar e costumava fazê-lo com uma freira em festas religiosas populares. Fui Proibido, porque "não ficava bem." Mas passear pela Europa, enquanto as pessoas passavam fome não ficava mal. Olhar para uma mulher era escandaloso; ignorar um pobre, não."

Cansado de hipocrisias, voltou para casa dos pais. "Os primeiros dias foram difíceis. O mundo te parece pequeno... sem comunidade, sem atividades. Para muitos tu só eras o Pe. Nelson e ao sair, não existes mais, és um traidor. A vida me fez encontrar com algumas pessoas que se confessavam comigo. Será que acreditam que vou contar os pecados deles? - se pergunta ele rindo.

Lembra que precisou de algum tempo para se acalmar e reorganizar. Nos classificados dos jornais, encontrou antes um trabalho de vendedor de publicidade. Com 30 anos experimentou sua iniciação sexual com a "liberdade e tranquilidade", e entrou numa fase de descoberta "muito emocionado". Ele recebeu um diploma de locutor e



se licenciou em Ciências Sociais. Se apaixonou por uma mulher divorciada e se casou com ela.

Após 14 anos de casamento se separou. Ele tem um filho, Agostinho, o centro de suas preocupações e alegrias. "Como padre nunca senti que precisava de um filho, era o pai de todos. Mas descobri que um filho próprio é o ápice da paternidade. Apaixonei-me falar com ele sobre a justiça, solidariedade e gerar nele, sempre mais, uma liberdade genuína, sem preconceitos, que lhe permita levantar vôo e fazer sua própria história". Não ficaria triste se no futuro ele quisesse tornar um padre: "Se o fizer bem e pode ser extremamente feliz", diz ele.

Embora desencantado com a instituição, não perdeu seus ideais nem abandonou sua fé. Seu filho frequenta uma escola religiosa, ele vai à igreja, reza em sua biblioteca, convive com a Bíblia, com a acumulação de capital de Rosa Luxemburgo. Esclarece que é a favor do celibato opcional, porque "é uma consequência do compromisso sacerdotal".

Ele afirma que está "orgulhoso de ter sido padre. A Igreja que Jesus fundou não é para uma minoria perfeita, eleita ou selecionada. A Igreja é para aqueles que procuram e se enganam, por isso ela é formada por muito mais pessoas do que alguns católicos acreditam". Ele acredita que "amanhã será melhor". Para isso se tornou sacerdo-

te e por isso, também, abandonou o ministério.

OUTRO CASO. SOLIDÃO SOBRE RUÍNAS

Quando o padre William Scheffer quebrou a perna, não sabia que parte de sua vida também se quebrava. Forçado a fazer repouso e com escassas visitas da comunidade sacerdotal, ele descobriu que estava sozinho. "Você começa a meter água. Durante o seminário tem o apoio dos colegas e formadores, mas quando você sai você vai encontrar um "te vira como pudessem", diz ele. Recém-ordenado nos anos 92, ele foi designado para uma paróquia no Parque San Martín de Merlo. "Aqui você vê as primeiras diferenças. Aqueles que estão nas igrejas do centro da cidade não passam dificuldades econômicas, mas os da periferia, sim. Não existe uma estrutura solidária de apoio que compense as deficiências". Ele pediu permissão para estudar Psicologia Social e lhe foi negado. Pouco a pouco, começou a amadurecer a decisão de deixar o sacerdócio e assim o fez.

"Não sei de um dia para outro", - lembra ele - marquei uma reunião para dizer adeus ao povo ". Um amigo emprestou-lhe uma casa em Marcos Paz, para onde se mudou. "Eu estava trabalhando como capelão na prisão de jovens da região. O Serviço Prisional e apreciou meu trabalho e formação e me ofereceu continuar em outra função. Aceitei imediatamente" - diz ele.

"Diz ele. Quando contou que ele já não era um padre, um colega lhe disse "agora você deixa de ser Gardel para se tornar um simples cantor." Reconhece que encontrar um emprego é crucial: "Eu sei que colegas de trabalho em uma cabine de pedágio ou de aves marinhas. O trabalho é um integrador social, e se você não faz algo que você gosta você acaba deprimido".

Enquanto reorganizava sua vida descobriu que estava apaixonado por Natália, uma catequista que havia trabalhado em sua paróquia. Convencidos de seu amor, se casaram no civil e só então foram viver juntos. "Ninguém que nos conhecia ficou chocado. Eu me sentia um pouco culpada, mas ele nunca mostrou qualquer preocupação com sua decisão. A relação foi fluindo, eu nunca me senti em competição com Deus", diz Natalia. Guilherme também confirma: "Como não tive uma formação repressiva, a intimidade aconteceu naturalmente, mesmo em uma idade quando os outros já estão de volta."

Lujan e Guilhermina, sua filha, 7 e 3 anos, brincam no quintal. "Como um sacerdote Dia dos Pais me davam os parabéns, e me sentia estranho por ser pai sem ter gerado, mas - confessa ele - ele confessa - eu gostava que me desejassem. Hoje me alegro com as vozes deles. Com Natalia descobri o amor incondicional e com minhas filhas, uma dimensão nova e cheia de amor."

A família Scheffer não perdeu a fé. As meninas são batizadas, rezam juntos e da imagem de Nossa Senhora de Luján dá as boas-vindas aos que entram em sua casa. O casal faz parte do Movimento Verdade e Liberdade, um centro que presta apoio aos padres casados e subscree as palavras de Jerônimo Podestá, o bispo que deixou tudo por amor a uma mulher: "Nós não estamos deixando a Igreja, estamos nos aproximando da comunidade".

OBS: tenho vários outros casos.
20/08/2009 Susana Ceballos

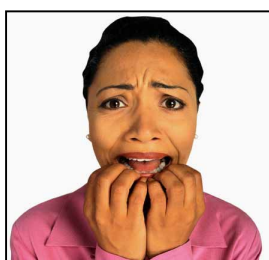
DEZ FOBIAS COMUNS E CONTAGIOSAS

FUJA DELAS ENQUANTO VOCÊ CONSEGUE!

O ser humano é um bicho muito esquisito: alguns têm medo de dormir, de fazer xixi, de pessoas feias.

Veja as fobias mais esquisitas que o ser humano pode ter.

- 1º. Antropofobia - Medo da sociedade humana ou aglomerações
- 2º. Telefontofobia - Medo dos telefones
- 3º. Eleuterofobia - Medo de ter liberdade. Mais precisamente, "aversão e medo mórbido irracional, desproporcional persistente e repugnante de ter autonomia ou responsabilidade"
- 4º. Urofobia - Medo da urina ou de urinar
- 5º. Unatractifobia - Medo de pessoas feias



- 6º. Hipnofobia - Medo de dormir; horror ao sono
- 7º. Fonofobia - Medo e horror à sua própria voz e pavor de falar alto
- 8º. Fobofobia - Medo dos seus próprios medos; de ter algum tipo de fobia
- 9º. Catisofobia - Medo de sentar-se.
- 10º. Pantofobia - Medo de todas as coisas, ou todos os medos e fobias em um só. Pantofobia, em seu estado máximo, domina a mente humana de forma a matar o ser sem causas físicas reais, ou seja, a Pantofobia induz ao suicídio biológico.

José Vicente

IRÁ A IGREJA LEGITIMAR OS FILHOS DE PADRES?

O cânon 277 do Direito Canônico diz que "os clérigos são obrigados a observar a continência perfeita e perpétua por causa do Reino dos Céus; por isso são obrigados ao celibato, que é um dom especial de Deus, pelo qual os ministros sagrados podem mais facilmente unir-se a Cristo de coração indiviso e dedicar-se mais livremente ao serviço de Deus e dos homens".

Sabe-se que, quando se impôs definitivamente essa exigência, o cristianismo já levava mais de um milênio de existência e que os motivos de tal imposição não eram assim tão nobres como os que invoca o cânon. Uma das razões era evitar que as riquezas da Igreja fossem cair nas mãos dos herdeiros do clero.

Sabe-se também que, não obstante a lei, os clérigos continua-

ram a gerar filhos e muitos viveram em permanente concubinato. A Igreja sabe-o, mas fecha os olhos. E o mais grave é que, de consciência tranquila, jamais se importou com a sorte das mulheres envolvidas e do drama dos muitos filhos ilegítimos a quem se impõe também uma norma: "Não digas a ninguém quem é o teu pai".

Parece que a situação tende a mudar. Só é de lamentar que não seja por amor à justiça.

No dia 10 de agosto passado, o jornal La Stampa da Itália trazia a público a notícia de que o Vaticano estaria disposto a reconhecer os filhos de clérigos, permitindo que eles sejam registrados com o nome do pai e possam herdar. Reviravolta súbita na lei do celibato? Nada disso. Tratar-se-ia de defesa preventiva. Com a banalização dos testes de DNA a Igreja ficou inqui-

eta. Corre o risco de se ver obrigada a enfrentar uma avalanche de ações na justiça a reclamar o reconhecimento da paternidade. Daí a escapatória: é melhor reconhecer os fatos. Quanto ao direito de herdar, ela distingue, desde já, os bens pessoais do clérigo dos bens vinculados à função. Estes continuariam propriedade da Igreja.

Com tal solução, o Vaticano pretenderia evitar situação similar à dos Estados Unidos, onde os processos por abusos sexuais dos padres representam uma verdadeira catástrofe financeira para as dioceses: 1.350 milhões de euros nos últimos trinta anos.

Embora o jornal La Stampa seja um jornal geralmente bem informado sobre o que acontece no âmbito papal, ele foi logo desmentido pelo porta-voz do Vaticano. Mas, mais cedo ou mais tarde, é



essa a solução que se irá impor, no entender de Giancarlo Zizola, um perito nos assuntos vaticanos. Ele lembra que "tanto o car-

deal Ratzinger (futuro Bento XVI) como o cardeal Hummes já se pronunciaram nesse sentido".

Luís Guerreiro

CASAMENTO CIVIL É SACRAMENTO

Há mais de 20 anos, em quase todos os meses, eu e alguns outros colegas nossos, padres casados, temos sido convidados a presidir e abençoar celebrações da união matrimonial de casais que, pelos motivos que todos os padres conhecem, "não podem" efetuar-se nos templos, menos ainda com presença qualificada de sacerdotes católicos, com jurisdição canônica para tal.

Tanto eu como os colegas que abençoam os casais que nos procuram, jamais percebemos qualquer remuneração financeira por este serviço e, ao assumirmos a honra do convite, esclarecemos que a "presidência do padre" nos casamentos não deve ser tomada como "função ordinária". Pelo contrário, temos por princípio mostrar que os próprios familiares dos noivos podem abençoar o enlace, como era no princípio e atualmente volta a acontecer, por motivos que aumentam cada vez mais.

É excelente a explicação que segue, postada no blog do Romeu Teixeira Campos.

Sintetiza a "catequese" que fazemos quando nos reunimos com os casais.

José Vicente

O 1055

O que é o 1055? É a regra que abre o Título VII do Código de Direito Canônico. Os artigos da lei civil são cha-



mados, no direito eclesialístico, de cânones. O cânon 1055 serve como introdução de todo o Título VII (do Matrimônio).

Como preparação a esta discussão está tudo o que pode ser dito sobre os Direitos Humanos na Igreja, ou seja, quais são os direitos dos fiéis católicos. Refiro-me de modo especial ao artigo de Giuseppe Tosi, intitulado "Direitos Humanos, Direitos Humanizantes" que é encontrado em www.Google.com.br ao digitar o título.

Ainda nos dias de hoje há paróquias e igrejas que insistem no casamento "religioso" mesmo que os nubentes já se tenham casado conforme as leis do País. Não só insistem certos padres, mas ainda afirmam estarem essas pessoas em estado de pecado porque só na Igreja é que há o sacra-

mento do matrimônio abençoado por Deus e que somente ele, o "casamento religioso" legitima a união dos esposos.

As expressões "casamento civil" e "casamento religioso" se referem a dois atos jurídicos realizados ou diante da autoridade civil, (no cartório civil) ou no recinto de uma igreja diante da autoridade religiosa.

É sabido por todos que no casamento perante a autoridade religiosa são os próprios nubentes que realizam o casamento e que a autoridade religiosa que preside tem apenas a função de testemunha qualificada.

Cada observação destas torna-se muito relevante para o fim que temos em mente, a saber, dar uma informação confiável e de qualidade aos fiéis católicos, uma obrigação, aliás, primordial de todo o dirigente de uma

paróquia. E os responsáveis dão a impressão de quererem esconder a informação correta tão poucas vezes tocam no assunto ou nunca, pois a hipótese de ignorarem o dispositivo legal nem deve ser mencionada. Uma última observação: aqueles que querem a todo o custo que seus paroquianos se casem "no religioso" para que tenham o sacramento do matrimônio, laboram em erro, pois na hipótese de os nubentes se casarem no cartório sem a intenção de se casarem depois "no religioso" é necessário dizer que já receberam o sacramento. No caso, tendo recebido o sacramento, não há necessidade de fazerem o casamento "no religioso", pois já receberam o sacramento do matrimônio.

Preste bem atenção no que dissemos: "não há necessidade". É bom? É! É ótimo acrescentar as bênçãos de Deus no meio de toda a comunidade de parentes e amigos para que os recém-casados sejam fiéis e cumpridores de seus deveres por toda a vida. Ser bom e ótimo é uma coisa, ser necessário é outra. Estranho? Isto só é estranho para quem não foi devidamente instruído e informado sobre a verdadeira doutrina do matrimônio e sobre a disciplina que rege a Igreja Católica. É por aí que se vê a falta que faz uma boa evangelização e uma boa catequese anterior. Fazendo

as vezes do dirigente paroquial, escudado na delegação geral que toda pessoa batizada tem, vamos agora procurar esclarecer esta questão tão importante.

Lá, no cânon 1055, você lê o seguinte:

§1. O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio de toda a vida, por sua índole natural ordenado ao bem dos cônjuges e à geração da prole, entre batizados foi por Cristo Senhor elevado à dignidade de sacramento.

2. Portanto, entre batizados não pode haver contrato matrimonial válido, que não seja por isso mesmo sacramento.

O raciocínio é o seguinte: todo pacto matrimonial... entre batizados, foi por Cristo elevado à dignidade de sacramento.

Ora, no cartório civil ocorre tal pacto entre um homem e uma mulher, ambos batizados.

Portanto, pelo próprio fato de tal pacto se dar entre um homem e uma mulher, batizados, por isso mesmo é sacramento o ato feito no cartório civil.

Um padre que se recusasse a batizar uma criança nascida de um casal só casado no civil estaria exorbitando, estaria errando clamorosamente e estaria fora da lei. Ele estaria tratando com um casal que recebeu, sim, o sacramento do matri-

mônio. O que eu faria no lugar dele? Ah! Aí é outro caso. Eu iria, com toda a calma que me fosse possível, ter uma boa conversa com esse casal para saber os seus motivos e iria fazer o batizado e me colocar disponível para outras conversas em que procuraria evangelizá-lo e recuperá-lo para a comunidade cristã.

Voltando ao cânon 1055, como ganharia a Igreja se desse a conhecer a doutrina exposta nesse cânon, como o fazemos neste artigo. O povo precisa saber a verdade sobre o casamento, a verdade jurídica, isto é, o que ela mesma estabelece em seu Código de Direito Canônico. Infelizmente, até hoje o povo simples continua achando que a Igreja condena como pecadores os que se casam só no "civil". Se o povo soubesse da verdade não teria tanto medo de fazer, com liberdade, sua opção. Por que a Igreja, que prega tanto o respeito aos direitos humanos (entre eles o direito a saber da verdade) esconde e escamoteia a verdade do cânon 1055? Será que isso acontece só porque os dirigentes paroquiais têm em vista só os proventos financeiros carregados para a paróquia e para a constelação de usufruidores (fotógrafos, arranjadores, músicos, cantores, floristas)? Há um complô tácito entre os diversos atores e autores desse espaço?

Romeu Teixeira Campos

POR TRÁS DE UM GRANDE HOMEM HÁ SEMPRE UMA GRANDE MULHER

A sabedoria popular diz coisas muitíssimo interessantes. Vale a pena investigar o que há de verdade por trás desse tipo de conhecimento. O antigo ditado, citado no título, é um deles.

Por que será que se diz que há sempre uma grande mulher atrás de um grande homem?

Considerando os mitos de criação de diversas culturas, podemos nos deparar, várias vezes, com a presença do Andrógino. Conforme descrição de Platão, o andrógino era um ser esférico, tinha os dois sexos, uma só cabeça com duas faces idênticas, cada uma virada para um lado e ainda quatro orelhas, quatro braços e quatro pernas. Esses seres tornaram-se tão robustos e audaciosos, que chegaram até mesmo a ameaçar os deuses, com suas tentativas de escalar o Olimpo. Zeus, então, resolveu cortá-los ao meio, para diminuir o seu poder. A partir daí cada uma das metades pôs-se a buscar a outra numa ânsia de se unirem novamente, fazendo de dois um só e, desse modo, restaurar a antiga perfeição.

Essa simbologia parece nos indicar que a perfeição espiritual (lembramos que em todas as culturas o esférico, o redondo representa a totalidade, a perfeição) consiste em reencontrar cada um sua própria androginia, num processo grandioso de totalização.

Esse andrógino esférico lembra também o mito do "ovo cósmico", onde o céu e a terra se encontravam unidos, onde também se encontravam todos os opostos, entre eles o masculino e o feminino. Este ovo foi partido em duas metades, que procuram novamente se unir.

Pelo próprio sono de Adão, no qual Deus tirou-lhe uma costela e fez Eva, pode-se entender que o ser humano até então era andrógino.

No Evangelho apócrifo de Tomás, Jesus dirigindo-se a seus discípulos disse: "quando fizerdes os dois serem um e quando fizerdes o dentro como o fora e o fora como o dentro, e o alto como o baixo, e se fizerdes o homem e a mulher um só, para que o homem não seja mais homem e a mulher não seja mais mulher, então entrareis no Reino".

Também no Evangelho dos egípcios: "... quando os dois se tornarem um e o homem e a mulher não forem nem homem, nem mulher".

Os gnósticos naassenos acreditavam que Adão era um andrógino. E, como o ser humano descende de Adão, a sua perfeição espiritual consiste em

encontrar em si mesmo essa androginia.

Na mitologia grega temos Hera, uma andrógina. E assim por diante em várias outras tradições.

Hoje, conforme a psicologia nos mostra, o menino, em seu desenvolvimento psicológico, à proporção que vai se identificando como homem, também vai delineando a imagem que tem da mulher, tomando, inicialmente, sua mãe (ou sua substituta) como modelo. Progressivamente vai modificando essa imagem, à medida que possa interagir com jovens do sexo feminino de sua geração e que ele admire ou que lhe seja muito significativa como, por exemplo, uma irmã. Mas, a namorada ou a esposa, em geral, também têm um peso muito grande nesse crescimento psicológico do homem.

Mesmo depois de atingir a maturidade, para um contínuo crescimento pessoal do homem, em direção à sua totalidade, continua sendo de grande importância que ele assimile em sua personalidade o seu lado feminino inconsciente - a sua alma.

Depois dessas ponderações, voltamos à proposta inicial de tentar entender o ditado popular "atrás de um grande homem, existe sempre uma grande mulher".

Uma hipótese plausível seria que, se um homem se casa com uma mulher que comunga com ele a vida, as idéias e as decisões, ele estará agindo como uma pessoa completa, com os dois modos de pensar, ou seja, com o modo masculino de perceber as situações e também com o feminino. E, se ele é um grande homem, naturalmente a mulher que o completa é uma grande mulher.

E aí, penso eu - mais uma vez a Bíblia tem razão: "E Deus criou o ser humano Homem e Mulher, Homem e Mulher Deus o criou". São duas faces do ser humano.

Essa Verdade tão óbvia parece ainda não ter sido suficientemente compreendida pela maioria das pessoas. Basta observar a "guerra" dos sexos, ou o machismo, onde o homem se julga melhor que a mulher, o preconceito ainda existente contra a mulher, inclusive na nossa própria Igreja Católica, a mulher objeto que aparece a todo momento nas telas de TV e assim por diante.

Porém, aqueles que querem evoluir, que querem crescer espiritualmente, que pedem a Deus a sabedoria, que não querem ficar estagnados, massificados - ou seja, quem compreende que as leis e as normas religiosas não foram feitas para escravizar o homem, nem para "fabricarem pessoas em série" como a indústria faz com seus produtos, mas, sim, para ajudar as pessoas a crescerem a ponto de poderem ultrapassar essas mesmas leis, essa pessoa, sim, é capaz de conseguir uma conscientização maior de si própria, de ir se aperfeiçoando cada vez mais, de atingir sua totalidade como indivíduo, de alcançar um equilíbrio entre seu lado masculino e o feminino, uma harmonia consigo mesma e uma harmonia com o outro. Essa pessoa consegue enriquecer o outro que é diferente e esse outro a enriquece.

Jesus não discriminou ninguém, não discriminou a mulher; pelo contrário, a engrandeceu. E nós, sejamos homens ou mulheres, quando procuramos seguir Jesus em sua espiritualidade, também somos capazes de compreender que quando somamos as qualidades masculinas com as femininas - ambas igualmente importantes, pois tanto os homens como as mulheres foram feitos à imagem de Deus - e vivemos essas qualidades com harmonia, estaremos preparando o terreno no qual poderão surgir grandes homens e grandes mulheres.

Beatriz R.O.Araújo

ORDENAÇÃO DE MULHERES

Por D. Felix Maria Davidek, bispo católico, na Checoslováquia nos anos 70 e 80, no contexto da "Igreja do Silêncio", perseguida pelos regimes comunistas da Europa central e oriental.

Artigo enviado por Gladys Parentelli, da Venezuela, que participou, como observadora, no Concílio Vaticano II. Para maiores informações, consultar Wikipedia, Revista Concilium, etc.

João Tavares

BISPO ORDENOU MULHERES NA CHECOSLOVÁQUIA

Félix Maria Davidek, o bispo que ordenou as primeiras mulheres sacerdotes na Igreja Católica Romana

Em julho de 1999, através da Revista Internacional de Teologia Concilium No. 281 de Junho, fiquei sabendo sobre a ordenação de pelo menos 6 mulheres na Igreja Católica Romana pelo bispo Félix Maria Davidek na Igreja do Silêncio na Checoslováquia.

Ele é considerado um homem de muito peso na Igreja Checa, apesar das contradições e oposições do Vaticano ante importantes acontecimentos eclesiais, como a questão da "ordenação de mulheres".

Contrário a tudo o que se queira dizer, as ordenações, tanto das mulheres, como a dos bispos e presbíteros casados, o papa João Paulo II esteve informado, e só depois da queda do Muro de Berlim, o Vaticano se pronuncia, pedindo uma re-ordenação "sob condição" em caso de dúvida, pelas circunstâncias em que foram realizadas, menos a ordenação das mulheres! El documento foi firmado pelo cardeal Ratzinger (naquela ocasião) em 1992.

Este bispo havia estado 14 anos em prisão pelo regime totalitário do sistema comunista. Vivía os princípios do Vaticano II e os princípios de Theilhard de Chardin e Yves Congar.

Na Igreja do Silêncio, organiza em clandestinidade uma associação chamada Koinetés à qual pertenciam as Comunidades de Base, e é dali que se sente a necessidade de ordenar mulheres e homens casados ao sacerdócio, sob a direção do bispo Davidek. Tinham muito bem organizado seu cronograma de formação: teológica, filosófica, histórica e pastoral.

Era esta a Igreja de "segunda linha", pois a Igreja de "primeira fila" era a constituída pelos que podiam celebrar publicamente.

Davidek foi um bispo convencido de que havia chegado a hora de entender "os sinais dos tempos" isto é o kairós - tempo de bênção.

Devido ao trabalho e projeção eclesial de Koinetés, na qual surgiam novas formas de vida, sustentado pelo Vaticano II, é em fins de 1970 que "a questão da ordenação de mulheres" começa a aparecer mais. Davidek convoca a um Sínodo pastoral, a fim de solucionar a difícil situação do crescimento da igreja, e de maneira especial, o papel das mulheres nela. "A sociedade necessita do serviço das mulheres como um instrumento especial para a consagração do gênero humano" dizia.

Ao Sínodo assistiram umas setenta pessoas, participando outros bispos, colaboradores "íntimos" de Davidek. Reuniram-se numa casa paroquial, depois de ter tomado todas as medidas de segurança que tal reunião requeria, como Igreja em clandestinidade.

A pesar das tensões que se fizeram sentir, e da proposta de retirar da agenda o tema da "ordenação das mulheres" o bispo Davidek teve a coragem de seguir adiante com o Sínodo, depois de conseguir que os participantes votassem aceitando o programa, sem mudar nenhum ponto proposto, muito menos o da "ordenação das mulheres".

Sabe-se que Davidek ordenou 6 mulheres, supostamente violando o Direito Canônico (CIC de 1918, can 968,1) que estava em vigência. Tomou-se muito a sério que a Lei não é para a humanidade, mas a Lei a fazio da humanidade, e que o ser humano irá aprendendo progressivamente a aceitar".

"Não devemos esperar que todos cheguem a esta prática. Deve haver alguém que transmita aos demais algo que a maioria do gênero humano irá aprendendo progressivamente a aceitar".

O bispo morreu num acidente. Sua história permanecerá na memória das mulheres que lutamos pela consagração no ministério sacerdotal dentro da Igreja.

Olga Lucia Alvarez Benjumea - Rionegro, Septiembre 12/09

MULHER DO PADRE CASADO

O tema mulher, mesmo que sempre esteja na berlinda dos Encontros, tenho a impressão que não foi apresentado como precisaria ser. Altiva e eu muitas vezes trocamos algumas idéias sobre como de fato está a questão da mulher e o padre. A impressão é que muitas esposas de padres vêem no ministério do padre uma rival que vai roubar o marido. Por outro lado está bastante claro que a mulher não tem na Igreja o lugar que se infere a partir daquilo que a Revelação fala sobre a mulher e o lugar que a mulher já ocupou nas primeiras décadas do cristianismo. Não tem o lugar que ocupou nas primitivas comunidades, inclusive nas de Paulo, que equivocadamente se afirma que era restritivo.

Imagino que no XVIII Encontro começaremos a grande reflexão e debate, pois, afinal, a Igreja adotou uma postura da cultura grega, romana e dos povos que invadiram o império ocidental, tudo temperado com a postura de Agostinho proveniente de sua formação filosófica maniqueísta e de suas experiências negativas da sexualidade. Tudo isto mudou a visão sobre a mulher, uma visão que na práxis não bate com a Revelação. E se a Igreja banii a mulher dos ministérios e o casamento da vida do padre ocidental ela não fez que este padre fosse melhor, mais generoso, mais dedicado às pessoas para as quais foi constituído presbítero. Ela fez do padre o sacerdote, que hoje está sendo acentuado, um sacerdote para o sagrado, para o cultural e por isso separado e legalmente puro.

Era importante aprofundar a questão para o amanhã da Igreja.

Armando





AVALIAÇÕES E DEPOIMENTOS

Sobre o Jornal Rumos e o MPC

Giba, eita editorial brabo! Mas, valeu. Acho que devemos dar uma sacudida de vez em quando na turma! Muito bom! Você mais uma vez está de parabéns.

Que bom, Giba, quem não chora não mama, como diz o ditado popular.

Mas, em tudo isto, fica uma lição para nós: Se houver pessoas que se movimentem na nossa Associação Rumos, as coisas começam a acontecer.

O importante é despertar tanta gente dispersa por esse Brasil afora.

Este é o problema da edição eletrônica (uma desistência do jornal impresso).

Tem tudo lá e muito mais rápido. E ainda por cima é de graça. Não paga nada.

O jornal, assim, fica velho. A turma já leu na internet.

O problema é que muitos querem e preferem a edição impressa.

Aqui para nós muito me-

lhor. Não gosto muito de ler na internet.

Embora, que quando chega o jornal na minha residência só folheio, pois já li tudo na internet.

O jornal impresso, também, é um documento. Por isso precisa ser mantido.

Precisamos discutir melhor este assunto. Mas, por enquanto, vamos continuar enviando as duas edições. A eletrônica e a impressa.

Félix

Muchas, muchas gracias por RUMOS!!! Todo mi afecto y amor a Uds. mis Hermanos en Cristo que se animan a gritar su fe a pesar de conocer la "sordera canónica del Vaticano".

Padre Aguirre

Agradecemos o Jornal eletrônico, parabenizamos pelo trabalho de editar o jornal e cumprimentamos pelo sucesso ao resolver o impasse financeiro para esta edição. O problema é crônico e vem passando de gestão em gestão. Teoricamente se em cada Estado da Federação houvesse 5 assinantes haveria recursos para editar o jornal a cada dois meses. Tentei esboçar esta solução, mas não consegui por atrapalhos de saúde e trabalho. Até hoje o esboço está na mesa de trabalho.

O numero 211 apresenta muitos temas que poderiam servir como um



gancho para bons debates, que qualquer dia comento. No mais, obrigado e que o

ano paulino tenha sido promissor para vocês.

Armando e Altiva

Estimados hermanos padres casados de Brazil, gracias por los envios de jornal Rumos, son ilustradores. En Jesus y Maria

Mons. †Erman Colônia - ARZOBISPO

Querido Gilberto Gonzaga

Atraves del grupo de padres casados recibi tus comentarios. Nosotras somos un movimiento de mujeres latinoamericanas por el sacerdocio, compartimos sus luchas y esperanzas de Uds.

Benedicções
Dcna. FEBE .de la Iglesia de Cencreas (Rm 16,1) <http://presbiteraspastor.galeon.com/>

Gracias Amigos de Brazil

"¡Que lindo es el caminar de los que traen Buenas Noticias!". Rom 10, 14-15.

Los curas casados cada dia somos mas y seremos mas... En Jesus y Maria

Mons. †Erman Colônia - arzobispo

Joarez, faço também esta pergunta sobre a necessidade do Jornal impresso. Considero o jornal impresso muito importante. É um documento. Mas poderíamos propor uma reformulação. Os custos do jornal são grandes e nosso caixa é pequeno.

Teremos que rever isto na assembléia da associação durante o próximo encontro.

Tenho pensado num meio termo. A edição impressa enviada somente para assinantes.

Quem assinar terá o direito de receber

também a edição impressa. Isto porque, na semana passada, um colega nossa cancelou o envio do jornal por "já ler na internet".

Outra coisa seria criar um novo produto.

O jornal seria apenas versão eletrônica. E teríamos, quem sabe, uma publicação impressa com artigos etc.

Apenas para a gente já ir pensando no assunto que, com certeza, vamos debatê-lo em São Paulo.

Félix

Gil, como das outras vezes, quero lhe agradecer a gentileza do envio, li o seu editorial e os artigos. Trabalho na certeza de muitas mentes sábias.

Parabéns pelo vosso movimento e organização.

Renato

Prezado Giba, recebi o seu e-mail, contendo, em anexo, o nosso sempre esperado Jornal Rumos. Muito obrigado pela remessa do nosso jornal e que ele continue a ser o elo de comunicação e união entre nós, Padres Casados e familiares. Vou ler com muita atenção. Abraços,

Paulo Andriola.

Querido Gilberto, recebi o belo e fagueiro Rumos 211! Vejo que estás fazendo das tripas coração. Como informavas que tinhas feito operação, acreditava que Rumos ficaria adiado. És um guerreiro bravo e competente. Estás vendo e sofrendo quanto é contraditório o nosso povo. Quem e elogiam o jornal por sair

belo e ótimo, mas não põem a mão no bolso. Sei, porque vivi este drama. Por isso, cheguei a propor que ficássemos só com a edição eletrônica.

Para seu conhecimento. No começo deste ano enviei minha contribuição de associado arredondando para duzentos reais, com o intuito de incentivar colegas,

Mas isto não foi divulgado e não sei se teria surtido algum efeito, caso fosse.

Você não tem se perguntado se nosso pessoal quer mesmo o jornal? Pelo que me lembre, levantei esta pergunta em Recife, que ficou no ar. É o caso de perguntar: Quousque tandem?!

Sic Locutus est Vigolino.

Caro Gilberto, acabo de receber o Jornal Rumos. É claro que já li quase todo. Parabéns pela eficácia e conteúdo. Na dinâmica da Labuta debes ter esquecido de anotar nossa contribuição anual.

João Fachini

Esta madrugada li todo o Rumos 211. Parabéns: está muito bonito visualmente e quanto ao conteúdo jornalístico, de acordo com o público que não é internético. Você está sendo de rara felicidade em atender aos membros do grupo de padres casados que precisam de especiais cuidados da Vigilância Epidemiológica da Igreja e do mesmo serviço por parte dos dirigentes do MPC, grupo que para mim - além de estar murchando - apresenta acentuada divisão entre os do princípio (a quem o MPC deve muito) e os do agora (que tentam construir uma nova estruturação, embora com pessoal da faixa dos 60/70). Portanto os de agora e os de sempre integramos um grupo de idosos que teimam em viver sua espiritualidade e sua vocação, mesmo sem horizonte de mudan-

ças nem expectativas de reconhecimento por seus trabalhos.

Admiro muito o grupo do início (Maurinho, Francisco, Levi e companheiros) e os grandes passos que foram dados durante a administração Schmitt / Felisberto [que viajava por boa parte do país], quando até a Nunciatura respeitava os pedidos do MPC, mesmo não reconhecendo os direitos inerentes às ordens sacras de seus membros.

Admiro sua dedicação pessoal em fazer circular as informações entre os grupos que ainda não se integraram à modernidade; a dedicação do Tavares e a prestatividade generosa do Mário Palumbo, pois, não fosse o site oraetlabora, o MPC não teria a penetração que tem na Igreja.

José Vicente

Caro Gilberto, chegamos no dia 3 de Portugal, onde passamos os meses de junho e julho, e foi com surpresa que deparamos com o último número de RUMOS. Que eficiência a sua! Creio que já tem assegurada a candidatura a continuar com o jornal. Oxalá! Eu penso que ele continua a ser um elo importante entre nós e que devíamos fazer tudo para que não desapareça. Um grande abraço e os nossos melhores votos.

Luís Guerreiro

Amigo Gilberto. Parabéns pelo seu ótimo trabalho em prol dos padres casados e da conscientização da comunidade católica. O Jornal está muito bom. Há equilíbrio na apresentação dos artigos e co-

mentários sobre a vida "eclesialística".

Você já me enviou o Jornal Rumos via correio. Já faz dias que o recebi. Grato por essa atenção. Sendo o Jornal um documento independente,

torna-se ótimo instrumento para levar aos católicos mensagem concreta e atualizada.

Já enviei trinta reais ainda em fevereiro para pagar minha assinatura.

Antônio Luiz Bianchessi

Querido pai. Adoramos o jornal, material de primeira linha mesmo em todos os aspectos.

Um super beijo grande. Sua orgulhosa filha

Marilu



DE MULHER PARA MULHERES

Olá amigas, esposas, mães e filhas dos padres casados!

Janeiro de 2010 está chegando. E, com ele, a data do nosso 18º encontro em Ribeirão Preto.

Evidente que nós mulheres nos mobilizaremos para comparecer, sobretudo porque o tema do encontro será "A MULHER".

O tema é muito importante, e nossa participação será imprescindível.

Aproveito o espaço, como esposa e auxiliar do Gilberto, editor do Jornal RUMOS, para convidar todas vocês, esposas de padres casados e leitoras do jornal, a que angariem novos e muitos assinantes do jornal impresso. E "fiscalizem" se seus maridos estão em dia com o pagamento da assinatura anual. Pois há dezenas e dezenas de "esquecidos"...

Muito grata. Espero ansiosamente encon-



trá-las nos dias 13 a 17 do próximo janeiro.

Aglória Gonzaga

SAITE DA ASSOCIAÇÃO RUMOS E DO MPC

Um amigo se comprometeu a ajudar a montar a página da internet do MPC a um custo bastante razoável.

Acabei de fazer o registro e firmamos contrato por dois anos.

Assim, a próxima diretoria não terá que se preocupar com hospedagem do site por dois anos.

Falta botar a máquina para MOER. Ou seja, preciso das informações para colocar na página.

Então renovo o convite para que surjam voluntários que escrevam textos para o site. Textos que servirão de base para o mesmo. Ou seja, precisamos de textos sobre história do MPC, memória dos encontros nacionais etc. Penso que Tavares, Guerreiro, Armando, Joarez, Francisco, José Vicente, Mauro e muitos outros poderão dar esta contribuição.

Felix, presidente

Tabela de Preocupações

"Um padre, colega meu, elaborou uma "Tabela de Preocupações", baseado-se nos problemas que homens e mulheres haviam lhe trazido durante os anos que tinha trabalhado naquela função. Concluiu que as preocupações se encaixavam nas seguintes categorias:

* Preocupações com coisas que nunca aconteceram - 40%

* Preocupações com decisões tomadas no passado e que não podem ser mudadas - 30%

* Preocupações com enfermidades que nunca aconteceram - 12%

* Preocupações com adultos, crianças e amigos (que eram capazes de tomar conta de si mesmos) - 10%

* Preocupações com problemas verdadeiros - 8%

De acordo com essa tabela, 92% de todas as preocupações referem-se a situações que não podemos controlar e que deveriam ser deixadas nas mãos de Deus.

A verdade é que a maioria de nossas ansiedades está enraizada na falta de confiança em Deus.

Simplemente não acreditamos que Ele é suficien-

temente grande e suficientemente capaz de cuidar de nossos problemas, de nos dar o que desejamos e de nos manter - e manter também as pessoas que amamos - longe dos perigos.

Quando conhecemos verdadeiramente a Deus, é fácil entendermos como nossas preocupações são inúteis na maior parte do tempo! "



Assine ou renove
CONTA BANCÁRIA DA AR
BANCO DO BRASIL
 Agência 3243-3, Conta 21077-3
 Para assinatura ou renovação do Jornal RUMOS (30,00) ou para se tornar sócio da Associação Rumos - AR (120,00)
 Comunique imediatamente, através de e-mail, ao nosso tesoureiro Mateus Hande: matthande@hotmail.com
 Ou por carta para Mateus Hande: Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.016-190

BISPOS DO MARANHÃO

Os bispos do Maranhão, em geral, são amigos e fraternos conosco. Sei que nos apreciam e que, se pudessem, gostariam de ter padres da nossa qualidade intelectual, espiritual, moral e pastoral.

Nosso Arcebispo José Belisário, franciscano mineiro, quando a gente esquece, lembra-nos da pizza com nosso grupo na pizzaria do colega padre casado Mario Cella, na praia. Sente-se feliz e muito à vontade com a gente, falamos dos projetos dele, às vezes das angústias, bebe uns copos de vinho (que eu sempre levo...) com a gente e volta para casa feliz, sem esquecer de nos dizer para não demorarmos para o próximo encontro.

Contratou um padre casado, conhecido do Zé Vicente, que se formou no

Rio e trabalhou em Minas, o Raimundo Bento Leite <benjorcom@hotmail.com>, para a Assessoria de Comunicação. É jornalista e está trabalhando na Assessoria de Comunicação da Arquidiocese

Está havendo, a partir dos bispos encarregados da formação dos seminaristas no Regional, a vontade de que nós participemos ou dando aulas, quem se sentir capaz e com vontade, ou participando da equipe de formação.

Estamos a estudar a proposta: acho que Sofia vai aceitar. Eu, acho que não, pois estou muito ocupado com a comunicação dentro do MPC. De outros, não sei: a idade vai chegando... Mas parece que uns dois ou três colegas vão aceitar dar algumas disciplinas. Desta vez a iniciativa partiu deles mesmos, dos Bispos.

Estou com um pouco de receio deste desafio, mas vou falar com os colegas, uma meia dúzia pelo menos.

Sei que vários bispos e muitos padres e religiosas lêem meus escritos e apreciam: vários imprimem e guardam. Outros usam para meditação e preparação da homilia. Estou a ficar um pouco receoso... mas estou decidido a continuar a semear...quem sabe, até a partir para um blog.... Será que vou ter coragem? Tu e o Zé Vicente vão me ajudar....

Quanto à espiritualidade do clero, salvo raras exceções, acho que D. Joviano está cheio de razão: perto de zero...

Está muito difícil encontrar um padre diocesano cuja vida e atuação pastoral nos encha de alegria e nos faça vibrar com nossa Igreja.

João Tavares

HUMOR

Importância da pontualidade.

Certo Padre recebia um jantar de despedida pelos 25 anos de trabalho ininterrupto à frente de uma paróquia.

Um político da região e membro da comunidade foi convidado para entregar o presente e proferir um pequeno discurso.

O político se atrasou...

O sacerdote, então, decidiu proferir umas palavras:

"A primeira impressão que tive da paróquia foi com a primeira confissão que ouvi. Pensei que o bispo tinha me enviado a um lugar terrível, pois a primeira pessoa que se confessou me disse que tinha roubado um aparelho de TV, que tinha roubado dinheiro dos seus pais, também tinha roubado a firma onde trabalhava, além de ter aventuras amorosas com a esposa do chefe.

Também em outras ocasiões se dedicava ao tráfico e a venda de drogas e para concluir, confessou que tinha transmitido uma doença à própria irmã.

Fiquei assustadíssimo... Mas com o passar do tempo, entretanto, fui conhecendo mais gente que em nada se parecia com aquele homem... Inclusive vivi a realidade de uma paróquia cheia de gente responsável, com valores, comprometida com sua fé e desta maneira, tenho vivido os 25 anos mais maravilhosos do meu sacerdócio".

Justo nesse momento chega o político, e foi lhe dada a palavra para entregar o presente da comunidade, prestando a homenagem ao padre. Pediu desculpas pelo atraso e começou o discurso dizendo:

"Nunca vou esquecer o dia em que o padre chegou à nossa paróquia... Como poderia? Tive a honra de ser o primeiro a se confessar com ele..."



Moral da história:
NUNCA SE DEVE
CHEGAR ATRASADO.